

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

# Perspetivas de Assédio Sexual Quotidiano Contra as Mulheres Portuguesas: Um Olhar Feminista

Joana Sofia de Amaral Teixeira e Bigotte  
Santos

**M**

2021



**Universidade do Porto**

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**Perspetivas de Assédio Sexual Quotidiano Contra as Mulheres  
Portuguesas: Um Olhar Feminista**

**Joana Sofia Bigotte Santos**

**Outubro, 2021**

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora **Doutora Sara Isabel Magalhães** (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

A concretização deste projeto e valiosa experiência acadêmica e pessoal não teria sido possível sem um conjunto de pessoas que nele se envolveram e, por isso, dedico-lhes algumas palavras de apreço:

*Às mulheres que participaram nesta investigação*, oferecendo-me o seu tempo e sinceridade. Obrigada pela curiosidade neste estudo e tema e pela partilha genuína das vossas visões dele comigo. Espero ter feito jus às vossas vozes.

*À Professora Doutora Sara Magalhães*, por ter sido uma orientadora especial, acompanhar-me e fazer-me sentir segura ao percorrer esta rua comprida e pouco iluminada. Obrigada por disponibilizar-se sempre para ouvir as minhas inseguranças e por cuidadosa e assertivamente acreditar em mim.

*À Professora Conceição Nogueira e à Professora Doutora Liliana Rodrigues*, agradeço pelas aprendizagens que me transmitiram e pelos desafios e reflexões que me propuseram e que enriqueceram o presente trabalho.

*Às minhas amigas da lotaria, a Matilde, a Rita, a Mónica, a Mariana e a Maria*, obrigada pela forma como me carregam de energia desde que os nossos caminhos se entrelaçaram irremediavelmente. A todas as atitunas que já são família, obrigada.

*Às amigas que ganhei neste (per)curso*, a Filipa, as Joanas, a Xica, a Rita e todas as relíquias do baú, obrigada por darem o melhor significado ao pátio da faculdade com as conversas e brincadeiras mais sinceras. É bonito reparar como me ajudaram a plantar e regaram a feminista que sou hoje. E à Carolina e equipa do voluntariado, a prova de que as amizades de pandemia podem ser calorosas, mesmo através dos quadradinhos do *Zoom*.

*À minha mãe, ao meu pai e irmã*, obrigada pela oportunidade de aqui estar para viver tudo isto, por tudo o que me ensinam através do exemplo que são e pela confiança que me dão todos os dias para ser a melhor versão de mim. À família que está sempre presente, onde quer que esteja, às minhas Avós do coração, São, Zi, Nela e Mimi, aos Avôs, aos meus primos, tios, padrinhos e ao Tio.

*Ao João*, que a música empurrou para ao pé de mim, obrigada pelo carinho paciente e por traçares as linhas mais bonitas na minha capa.

Por fim, a todas as pessoas que lutam pelos direitos e pela segurança das mulheres e que se insurgem, sempre que podem, contra a violência, obrigada.

*“El patriarcado es un juez  
que nos juzga por nacer,  
y nuestro castigo  
es la violencia que no ves.*

*(...)*

*Es femicidio.*

*Impunidad para mi asesino.*

*Es la desaparición.*

*Es la violación.*

*Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni  
cómo vestía.*

*(...)*

*El violador eras tú.*

*El violador eres tú.*

*Son los pacos,*

*los jueces,*

*el Estado,*

*el Presidente.*

*El Estado opresor es un macho violador.*

*El Estado opresor es un macho violador.*

*El violador eras tú.*

*El violador eres tú.”*

*(Letra da Intervenção Artística Feminista  
Chilena “Un violador en tu camino”,  
Colectivo Las Tesis, 2019)*

## Resumo

O assédio sexual é a ocorrência de “qualquer forma de conduta verbal, não verbal ou física indesejada, de natureza sexual, com o propósito ou efeito de violar a dignidade de uma pessoa, particularmente, criando um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo” (Crouch, 2009). No entanto, na literatura, o assédio sexual não tem uma definição única nem objetiva, pelo que, no presente texto, foi utilizada uma definição semelhante à de Crouch, numa tentativa de objetivar esta conceptualização, no âmbito deste estudo, ainda que assumindo as suas ramificações subjetivas. Desta forma, através do uso da expressão “assédio sexual quotidiano”, faz-se referência aos comportamentos invasivos que acontecem nas ruas e espaços públicos ou comuns não laborais e, geralmente, com frequência e prevalência tais, que podem ser considerados típicos da vivência quotidiana, essencialmente, das mulheres.

Procurou-se, assim, explorar os significados e perspetivas relativamente aos comportamentos específicos do assédio sexual quotidiano, buscando compreender como é que as mulheres portuguesas tendem a interpretar estímulos externos de assédio sexual e como reagem e lidam com essas situações. Neste sentido, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 10 mulheres, que foram posteriormente transcritas e analisadas segundo o método de Análise Temática (Braun & Clarke, 2006). A presente análise orientou-se pela integração de um olhar feminista e crítico.

Todas as mulheres que participaram, reportaram ter sido assediadas na rua ou outros espaços públicos, quase todas por desconhecidos. Partilharam ainda ideias diferentes quanto aos significados do assédio, cujos comportamentos encaixaram em diferentes escalas de desconforto ou medo. Concluiu-se que as formas de lidar e reagir ao assédio sexual quotidiano são ilimitadas e únicas para cada situação, destacando-se a não reação – ignorar- e, sob condições específicas, a resposta verbal. As perspetivas registadas focaram consistentemente o medo, o desconforto, o nojo e a invasão como sensações e sentimentos principais na caracterização do assédio sexual quotidiano (para esta amostra).

**Palavras chave:** Assédio Sexual, Assédio Sexual na Rua, Violência Sexual, Género.

## **Abstract**

Sexual harassment is the occurrence of “any form of verbal, nonverbal or physical unwanted conduct of sexual nature, for the purpose or with the effect of violating someone’s dignity, particularly, creating an intimidating, hostile, degrading, humiliating or offensive environment”, according to Margaret Crouch (2009). However, there is no concrete definition nor objective way of characterizing sexual harassment in the literature. So, in this text, we used a similar definition to Crouch’s, in an attempt to make this term more objective, for this particular study, yet counting on its subjective ramifications. This way, through the use of the expression “quotidian sexual harassment”, we refer to the invasive set of behaviours that happen on the streets and public or common non-working spaces and, generally, with such frequency and prevalence that can be considered typical of the daily life experience, essentially, to women.

We sought to explore the meanings and perspectives towards the specific behaviours of everyday sexual harassment, trying to understand how portuguese women tend to interpret, react and handle external stimuli of sexual harassment. Through semi structured interviews to a sample of women, we reached a grounded theory of the data, analyzing them from a feminist and critical point of view.

The interviewed women had all been harassed on the streets and other public spaces, practically all of them by strangers, expressing different ideas about the meanings of harassment behaviours, fitting them into different scales of fear or discomfort. We concluded that the ways of dealing with and reacting to ESH are unlimited and unique to each situation, highlighting the non-reaction – to ignore – and, under specific conditions, the verbal answer. The registered perspectives focus consistently that fear, discomfort, disgust and invasion are the main sensations and feelings in the characterization of everyday sexual harassment (for this sample).

**Keywords:** Sexual Harassment, Street Harassment, Sexual Violence, Gender.

## Résumé

L'harcèlement sexuel est l'occurrence de "toute forme de comportement non désiré, verbal, non verbal ou physique, à connotation sexuelle, ayant comme objet et comme effet de constituer un attentat à la dignité d'une personne, notamment en créant un environnement intimidant, hostile, dégradant, humiliant ou offensif" (Crouch, 2009). Cependant, dans la littérature, l'harcèlement sexuel n'a pas une définition unique ni objective, ainsi, dans le présent texte, une définition similaire à celle de Crouch a été utilisée pour tenter d'objectiver cette conceptualisation, dans le cadre de cette étude, tout en assumant ses ramifications subjectives. Ainsi, par l'utilisation de l'expression "harcèlement sexuel quotidien", on fait référence à des comportements invasifs qui se produisent dans la rue et dans les espaces publics ou communs sans être rapporté au contexte laboral et, en général, avec une fréquence et une prévalence telles qu'ils peuvent être considérés comme typiques de la vie quotidienne, spécifiquement, des femmes.

On a donc cherché à explorer les significations et les perspectives concernant les comportements spécifiques de l'harcèlement sexuel quotidien, en cherchant à comprendre comment les femmes portugaises ont tendance à interpréter les approches de l'harcèlement sexuel et comment elles réagissent à ces situations et les gèrent. Pour concrétiser cet objectif, des entretiens semi-structurés ont été menés avec 10 femmes, et ensuite ont été transcrits et analysés à l'aide de la méthode d'analyse thématique (Braun & Clarke, 2006). Cette analyse a été guidée par l'intégration d'un regard féministe et critique.

Toutes les femmes qui ont participées ont été harcelées dans la rue ou dans d'autres espaces publics, presque toutes par des inconnus. Elles partageaient également des idées différentes sur les sens de l'harcèlement, dont les comportements relevaient de différentes échelles de peur ou de malaise. On a conclu que les façons de faire face et de réagir à l'harcèlement sexuel quotidien sont illimitées et uniques à chaque situation. On relève la non-réaction - ignorer - et, dans des conditions spécifiques, la réponse verbale. Les points de vue enregistrés mettaient systématiquement l'accent sur la peur, le malaise, le dégoût et l'invasion comme principales sensations et sentiments caractérisant l'harcèlement sexuel quotidien (pour cet essai).

**Mots clés :** Harcèlement Sexuel, Harcèlement Sexuel dans la rue, Violence Sexuelle, Genre.

# Índice

<b>Agradecimentos</b>	<b>iii</b>
<b>Resumo</b>	<b>v</b>
<b>Abstract</b>	<b>vi</b>
<b>Résumé</b>	<b>vii</b>
<b>Índice</b>	<b>viii</b>
<b>Introdução</b>	<b>2</b>
<b>1. Enquadramento Teórico</b>	<b>4</b>
1.1. Patriarcado e Objetificação	4
1.2. Espaço Público e Espaço Privado	5
1.3. Assédio Sexual	7
<b>2. Metodologia</b>	<b>13</b>
2.1. Participantes	13
2.2. Objetivos	13
2.3. Procedimento de recolha de dados	14
2.4. Método de análise de dados	16
<b>3. Análise e Discussão de Resultados</b>	<b>17</b>
3.1. Organizador Central: Ser mulher	18
3.2. Temas de Análise	20
3.2.1. Medo	20
3.2.2. Efeito de Grupo	24
3.2.3. Reações e Denúncias	26
3.2.4. Estratégias e Propostas de Mudança Social	28
3.3. Considerações Gerais	31
<b>Conclusão</b>	<b>35</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>37</b>

<b>ANEXOS</b>	<b>41</b>
Anexo I. Parecer da Comissão de Ética	42
Anexo II. Cartaz contra o assédio sexual nas ruas, no metro de Buenos Aires.	43
Anexo III. Cartazes ativistas contra o assédio nos transportes públicos e nas ruas do Brasil, associados ao movimento #meucorponãoépúblico.	44
Anexo IV. Cartaz de divulgação do estudo.	45
Anexo V. Consentimento informado	46
Anexo VI. Cenários apresentados	47
Anexo VII. Guião das Entrevistas Semiestruturadas	50

## Introdução

O assédio sexual engloba comportamentos verbais, não verbais ou físicos indesejados, para intimidar ou ofender, incidindo frequentemente sobre as mulheres, constituindo uma violência de género. Excluindo o assédio que acontece em casa, virtualmente e no trabalho, acontece ainda nos espaços públicos como as ruas, parques ou transportes, e nos espaços comuns, como ginásios, restaurantes ou supermercados. É nestes espaços públicos e coletivos que se debruça o presente trabalho. O enquadramento português do assédio sexual parece ainda retrógrado, perante uma época marcada por passos em frente na liberdade sexual e moral das mulheres.

Recentemente, a Agência Europeia pelos Direitos Fundamentais identificou o assédio sexual como a expressão de violência que mais afeta meninas e mulheres, na União Europeia (UMAR, 2018, p. 3). O assédio sexual em contextos laborais e académicos tem vindo a obter mais visibilidade e enquadramentos legais que protejam as mulheres, a nível ocidental. Uma possível causa para esta visibilidade poderá ser o conjunto de movimentos feministas e ativistas digitais, que rapidamente assumem grandes proporções e dirigem muita atenção para este tema, como o *Me Too* - primeiro utilizado por Tarana Burke, em 2006 e depois popularizado por Alyssa Milano em 2017 – e pressionam os órgãos governamentais de vários países para produzir mudanças. Este tipo de onda aconteceu em Portugal, em abril de 2021, com um conjunto de artistas portuguesas que, talvez motivadas por uma coragem conjunta e uma quebra da perceção de solidão, revelaram à imprensa situações de assédio sexual no trabalho, perpetradas por homens em cargos de chefia: “Deixei de ter trabalho (...) sabia porque é que não estava a ser escolhida” (Sofia Arruda, cit. in. Vidal, 2021). Estas correntes de denúncias parecem lembrar todas as mulheres do seu direito a ser ouvidas e trazer-lhes confiança para encarar o processo de apresentar uma denúncia e a reação social de questionamento e culpabilização da vítima – conceito que também se explora nesta investigação: “o ambiente de apoio às vítimas parece propiciar o surgimento de novas denúncias, não só com origem em figuras públicas, mas também desconhecidas que, a dada altura, se viram encurraladas” (Vidal, 2021). Contudo, o assédio sexual no trabalho implica, geralmente, uma dinâmica de poder hierárquico diferente da do assédio que ocorre fora deste ambiente. Sendo o assédio comumente difícil de provar concretamente, quando se fala de assédio sexual perpetrado por completos estranhos, muitas vezes torna-se particularmente desafiante reconhecer características do agressor, pelo que aqui se faz esse contraste.

Sendo o assédio sexual um tema visivelmente na ordem do dia, mas ainda sem linhas de ação concretas e com dimensões realistas para o seu combate e mitigação, pareceu de grande importância explorá-lo à luz de uma perspectiva feminista crítica, neste momento em que ainda se debatem bastante as suas causas e consequências.

Nesta dissertação, foca-se o enquadramento cultural patriarcal enquanto ninho para o assédio e outras formas de machismo. Aqui, interessa compreender as perspectivas de mulheres sobre experiências fictícias e reais de assédio sexual na rua, à luz da condição de mulher portuguesa. Após expor algumas definições existentes, equaciona-se uma definição provisória e busca-se uma definição entre as participantes. Discutem-se as principais consequências e efeitos sobre as mulheres, as dimensões associadas a esses efeitos, como o medo e outras emoções, e diferentes respostas emocionais e práticas a esse medo. Ou seja, tenta-se responder às questões “o que é o assédio?”, “o que provoca o assédio?”, “como é que as mulheres o caracterizam?”, “como é que as mulheres tendem a sentir-se e a reagir perante ele?” e “o que pode ser feito quanto a este problema?”.

Ao longo do texto, é utilizada uma linguagem com recurso às formas duplas, por se entender como mais adequada e eficaz para este trabalho académico, cumprindo, ainda assim, os propósitos de visibilidade e de simetria.

## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1. Patriarcado e Objetificação**

A violência estrutural e a violência direta que recaem sobre as mulheres têm a sua origem no patriarcado. Gelderloos (2011) conceptualiza-o como uma forma de organização social responsável por produzir e manter o sexismo. O patriarcado é também definido por Humm (1989) como um sistema de autoridade masculina que oprime as mulheres, através das suas instituições sociais, políticas e económicas e caracteriza-se pelo domínio masculino sobre as mulheres e crianças, desde as sociedades mais tradicionais às mais contemporâneas. As desigualdades de género persistem na sociedade, fruto do conjunto de condições socioeconómicas e políticas, e não têm sido tidas em conta nem valorizadas, durante a educação de uma sociedade “típica e historicamente patriarcal” (Comissão para a Igualdade de Género, 2015, p. 77). O sistema patriarcal manifesta-se além do preconceito individual e estrutural contra as mulheres, impondo uma categorização rígida das pessoas em homem e mulher (Humm, 1989) - esta é, claro, uma visão binomial da população, que não representa a diversidade da sociedade ocidental.

O machismo pode ser reproduzido não só pelo “homem branco heteronormativo” (Gelderloos, 2011), como por qualquer pessoa que se insira neste sistema patriarcal e tem consequências marcadas pelas assimetrias consistentes e estruturais que podem ser vistas nos níveis elevados de violência, por exemplo (United Nations Women, 2019). Analisando o contexto histórico das relações interpessoais, o patriarcado influencia grandemente as condutas sociais, atribuindo ao homem “o projeto de dominação-exploração” (Saffioti, 2001) que o coloca no domínio político e económico relativamente à mulher (Santos, 2019). A noção de masculinidade hegemónica, defendida pelas pessoas que consideram o conceito de masculinidade fundamental, influenciou fortemente o conhecimento das masculinidades contemporâneas e é referida como um padrão de práticas que permite a perpetuação da dominação do género masculino sobre o feminino (Connell & Messerschmidt, 2005).

Segundo as estatísticas disponíveis, Portugal poderá classificar-se ainda como um país algo retrógrado e machista, demonstrando atitudes e pensamentos que são congruentes com esta ideia de domínio político e económico e que se refletem na esfera social. Isto é, os homens portugueses continuam a registar tendências sexistas e misóginas, observáveis em dados

concretos que refletem aspetos da sua mentalidade e perceção dos papéis sociais de género, como o baixo envolvimento nas tarefas domésticas, notando-se “fortes desigualdades de género que subsistem na organização da vida privada” (Aboim & Vasconcelos, 2012, p. 4). Este grupo mantém ainda a maior percentagem de cargos de chefia e lugares no parlamento, segundo Aboim e Vasconcelos (2012, p. 17). Além disso, no paradigma judicial ou criminal, os homens são os principais perpetradores da violência sexual. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima “apoiou, em 2020, um total de 13.093 vítimas diretas, tendo estas sido alvo de mais de 20.000 crimes e outras formas de violência (...). A grande maioria destas vítimas, “mais de 70%”, são mulheres e “do total de 13.133 autoras/es de crime referenciados/as, cerca de 56% eram do sexo masculino” (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2021, p. 7). Estes dados e o retrato que fazem verificam-se, ainda, consistentes com a literatura estrangeira.

Da mesma forma que, pelos papéis de género, em que o homem é tendencialmente servido pela mulher, as tarefas domésticas comuns a ambos recaem sob a responsabilidade da mulher, também a objetificação se assume como uma forma de machismo intrínseco, embora um pouco mais flagrante, podendo expressar-se precisamente através do assédio. “Efetivamente, a sexualização e a objetificação das mulheres estão, desde há muito tempo, implicadas no assédio sexual e a violência sexual está ligada à redução das mulheres a uma passividade corporal” (Lazard, 2020, p. 8). A violência exercida pelos homens contra as mulheres para exercer esta “relação de dominação” tende, portanto, a ser sexual e pode ser observada nos espaços públicos ou comuns, onde a mulher parece ter, geralmente, um papel mais defensivo, como se aprofunda de seguida.

*“[piropos] são mecanismos de constrangimento à liberdade das mulheres, sobretudo das meninas e das jovens, no espaço público (e no trabalho), relembrando sistematicamente como cada uma de nós é um (apenas) corpo alvo do olhar objectificante (do gaze) masculino e possível alvo para masculinos predadores” (Magalhães, 2011, p. 104)*

## **1.2. Espaço Público e Espaço Privado**

Segundo Ximene Rêgo (2018, p. 30), “as ligações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico e a posição que o lugar assume, do ponto de vista relacional, exprimem hierarquia e distâncias sociais, permitindo também antecipar como as pessoas percebem a sociedade e se situam dentro dela”. Ou seja, os espaços não são neutros ao nível

das concepções sociais e culturais de género e carregam significados com distinções mais ou menos claras destas expectativas – aqui, reporta-se o binómio heteronormativo homem/mulher – levando a uma vivência de género dos espaços. Isto, perante um contexto patriarcal enraizado, quer dizer que a forma como se percebem os espaços tendem a limitar e constranger as mulheres e a sua presença no espaço público tende a ser, geralmente, diferente da presença dos homens nos mesmos espaços.

A atitude mais defensiva adotada nos espaços públicos tem, portanto, um impacto negativo nas vidas das pessoas em geral e das mulheres em específico, verificando-se que mesmo quando o perigo é reduzido, a percepção de risco e insegurança das mulheres nos espaços públicos permanece elevada - “em parte, devido à sua centralidade na construção da identidade de género para homens e mulheres” (Day, 2001, p. 109). Ou seja, pensa-se que este comportamento seja aprendido, porque o sistema patriarcal segregou os espaços, associando à mulher o privado ou doméstico e “enquanto que o conceito de esfera pública e democracia assumem uma celebração populista da diversidade, tolerância, debate e consenso, na verdade, a esfera pública burguesa era dominada pelos homens brancos proprietários” (Kellner, 2000, p. 5).

Sabe-se que cerca de metade dos e das portuguesas têm medo de sair à rua de noite (Rêgo, 2009), sendo que, para as mulheres, parece haver um receio acrescido, pela antevisão e pela alta probabilidade de serem abordadas, assobiadas ou mesmo tocadas em plena rua, por exemplo, e não apenas durante a noite.

Importa considerar que, perante uma sociedade machista e dentro da qual se vê dificultada a frequência livre e despreocupada de espaços públicos pelas mulheres, tende a surgir um estado de hipervigilância que pode ser bastante limitador.

*“Na verdade, a diferença entre géneros é a informação mais consistente na literatura existente sobre o medo do crime, constatando-se que o género feminino é o que mais prediz este receio” (Berta, Ornelas & Maria, 2012, p. 2).*

A título de exemplo, lembramos que o medo da violação foi denominado de “*female fear*”, medo feminino, por Gordon e Riger (1991) pela preponderância e transversalidade com que se verifica nas mulheres.

Salienta-se que, ao longo deste texto, é feita a distinção conceptual entre os espaços públicos e os espaços comuns. Nem todo o espaço comum é tecnicamente público. Um espaço público é aquele que pode ser livremente frequentado por todas as pessoas, enquanto que o espaço comum ou coletivo pode ser privado. Exemplificando, os jardins ou as ruas são diferentes dos ginásios ou supermercados. Esta especificação surge num enquadramento prático da ocorrência de assédio, uma vez que os parques, por exemplo, podem ser um ambiente mais desprotegido, nos quais a pessoa poderá ter uma probabilidade mais elevada de não obter apoio das pessoas à sua volta, enquanto que, no supermercado ou no centro comercial, existem, geralmente, entidades responsáveis pela segurança e bem-estar no estabelecimento. Soma-se a estes pontos o fator de que, nos espaços comuns ou coletivos, as pessoas estão a usufruir de um serviço (pago ou não), e a questão de ser um ambiente estático e com mais oportunidades de apurar a situação que se testemunha, por exemplo, para agir contra ela, ao contrário do que poderá verificar-se numa rua ou outros locais de passagem. Desta forma, o conceito de espaços públicos, neste estudo, engloba espaços exteriores e livres, enquanto os espaços comuns englobarão os espaços coletivos privados.

### **1.3. Assédio Sexual**

*“Por todas as idades, raças, níveis socioeconómicos, orientações sexuais e localizações geográficas, a maioria das mulheres nos Estados Unidos experencia assédio de rua.” (Kearl, 2014, p. 5)*

Como já referimos, não existe uma definição consensual objetiva para o assédio sexual, mas a literatura tem concordado que este envolve comportamentos como interjeições ou frases dirigidas a uma pessoa desconhecida não avisada, como “piropos” ou *catcalls*, toques, assobios e convites ou persuasões que não são consentidas pelas mulheres a quem são dirigidas, sendo estes comportamentos, maioritariamente, perpetrados por homens, “os homens são esmagadoramente os assediadores tanto de mulheres como de homens” (Kearl, 2014, p. 7).

O assédio sexual é uma problemática amplamente estudada, sendo que a grande maioria da literatura centra-se em torno do assédio sexual no ambiente de trabalho. Contudo, o tipo de assédio a que todas as mulheres parecem estar suscetíveis diariamente, podendo colocar-se a

possibilidade de a esmagadora maioria já o ter experienciado, é o assédio sexual cotidiano, aquele que acontece nas ruas e outros espaços públicos ou comuns.

O assédio sexual é um crime tratado com pouca seriedade, quer pelas disposições legais, expostas mais à frente, quer ao nível da reação social: “o reconhecimento do assédio por estranhos e a necessidade de proteger as mulheres é praticamente ignorado nas ciências sociais e literatura feminista” (Fairchild & Rudman, 2008, p. 339). No entanto, pode representar consequências psicológicas irreversíveis para qualquer pessoa e, principalmente, para as mulheres.

*“O sentimento de constrangimento e humilhação, a autculpabilização, o medo de retaliação e o conseqüente silêncio são aspetos comuns do quadro de conseqüências de ambos os tipos de violência [violência de género nas relações de intimidade e violência por assédio sexual]” (Magalhães, 2011, p. 107).*

O estudo pioneiro de Amâncio e Lima (1994) sobre o assédio sexual e moral em Portugal, concluiu que, em 1989, “os comentários ordinários à maneira de vestir ou à beleza física eram identificados como formas de assédio sexual por cerca de um terço das mulheres” (Amâncio e Lima, 1994 cit. in. Torres et. al, 2016, p. 7) e, vários anos depois, em 2015, passou a 65,8% a percentagem das mulheres que identificava os comentários acerca do seu aspeto como forma de assédio sexual e 84,2% percecionava os comentários sexuais como uma forma de assédio (Amâncio e Lima, 1994 cit. in. Torres et. al, 2016). Isto significa que os comentários de natureza ofensiva sobre o corpo das mulheres antes identificados por cerca de metade das participantes como assédio sexual, atualmente são reconhecidos como assédio sexual por 72,9% das inquiridas. Poder-se-á argumentar que as perceções sociais do assédio sexual, nessa altura, eram ainda distantes das atuais e que Portugal foi, entretanto, cenário de acentuadas transformações sociais ao longo dos últimos anos, no que toca ao “acesso à educação, tecnologia e terceirização da economia, ou na forma como mulheres e homens percebem e vivem a sexualidade” (Torres et. al, 2016, p. 7).

Ainda segundo Torres e colaboradoras (2016), no ano de 2015, verificou-se também que 16,5% da população ativa portuguesa ao longo da sua vida profissional já vivera alguma situação de assédio moral e 12,6% da população inquirida tinha experimentado assédio sexual. No entanto, estes números fazem referência ao local de trabalho, no qual as mulheres “são o

alvo preferencial destas duas formas de assédio (...), sendo que 14,4% das mulheres já sofreu assédio sexual, enquanto (apenas) 8,6% dos homens passaram pela mesma experiência no local de trabalho (Torres et. al, 2016, p. 8). A operacionalização desse estudo fez-se pela divisão do assédio sexual em quatro dimensões<sup>1</sup> ou “grandes tipos de assédio: (i) insinuações sexuais; (ii) atenção sexual não desejada; (iii) aliciamento; (iv) contacto físico e agressão sexual” (Torres et. al, 2016, p. 8).

Os efeitos da ditadura portuguesa tiveram um impacto considerável em vários aspetos da liberdade de todas as pessoas e, após o fim da ditadura, muitas liberdades foram reconquistadas e alcançadas. Porém, muitas mantiveram-se marcadas pelas diferenças de género. Por exemplo, até ao final dos anos setenta, em 1977, o conceito legal de chefe de família era exercido apenas pelo marido, ou homem do agregado familiar. Um outro exemplo poderá ser a liberdade financeira, que se vê diminuída para as mulheres, já que “87,5% da remuneração média mensal de base dos homens e o ganho médio mensal das mulheres representava 82,8% do ganho dos homens” (Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), 2015, p. 4).

Hoje, segundo o Artigo 170º do Código Penal, a importunação sexual figura um crime e

*“quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constringendo-a a contacto de natureza sexual, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal” (Decreto Lei no 170/2015 do Código Penal, 2015).*

Como nos apercebemos ao ler este decreto de Lei, a sua escrita carrega uma ambiguidade que permite várias interpretações e reduz o problema do assédio quotidiano a três ações relativamente vagas - exibicionismo, propostas e contacto de natureza sexual. Esta ausência de clareza e objetividade é um fator que inibe a responsabilização de comportamentos de assédio sexual.

---

<sup>1</sup> Esta conceptualização foi o ponto de partida para a criação dos cenários integrados nas entrevistas semiestruturadas (ver Anexo VI).

Tendo isto em conta, não surpreende que a denúncia seja, não raras vezes, evitada e desconsiderada pelas próprias vítimas do assédio sexual - como abordaremos na discussão de resultados - porque tendem a deparar-se com um processo de vitimização secundária e institucional, no momento em que acionam uma medida de proteção junto das autoridades. “Para muitas mulheres, a polícia não é sinónimo de proteção, mas sim de mais discriminação e impunidade”, escreveu Duarte (2017) para o Público.

Ora, o assédio apresenta-se como uma forma estrutural de poder e dominação masculina, pois apesar de as mulheres também poderem assediar homens em público, a desigualdade de género faz com que as dinâmicas de poder em jogo, a frequência com que acontece o assédio, a ameaça de violação associada e o impacto na vida da pessoa assediada raramente possam ser equiparadas (*Stop Street Harassment*, 2015). Assim, o assédio sexual parece ter na sua base lógica e comportamental a ideia patriarcal de objetificação e subjugação das mulheres, de que falávamos anteriormente, caracterizando-se por comportamentos e avanços sexuais sem consentimento<sup>2</sup>, assumindo uma forma de invasão sexual, definida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (s/d), como por qualquer ato sexual ou tentativa de ato sexual indesejado, avanço ou comentário sexual não desejado, assim como quaisquer outros contactos e interações de natureza sexual contra a vontade de uma pessoa. É também possível reparar na importância que a noção de consentimento assume nesta conceptualização. No caso do assédio que ocorre na rua, mas também em espaços comuns como cafés, lojas ou supermercados, os homens, intrometem-se na passagem ou presença da mulher desconhecida, através de um comentário ou até um “universal” assobio.

O significado social do assédio tende a ser erotizado e algumas feministas radicais argumentam que o patriarcado fomenta o abuso, por defini-lo como “normal”. Sob o patriarcado, as mulheres são definidas como objetos sexuais e os homens têm impulsos para a heterossexualidade (Millet, 1970, cit. in Humm, 1989). A reação social generalizada a este tipo de situações passa pela trivialização ou conformismo, porque, ao contrário do assédio motivado pelo racismo ou homofobia, reconhecidos como comportamentos socialmente inaceitáveis, o assédio com base no género, como refere Holly Kearl, no blog da ONG americana *Stop Street Harassment* (Kearl, 2015, s.p.), é percecionado “como um elogio, uma brincadeira ou “apenas” uma irritação banal”, inclusivamente na televisão. Além disso, há uma tendência para culpabilizar a vítima pelo que lhe acontece em várias situações de violência de género. “As

---

<sup>2</sup> Neste caso, a falta de consentimento advém do desaviso ou surpresa de que quase sempre surge o assédio na rua.

peças tendem a culpar as mulheres pela sua ocorrência com base no que elas vestem ou na altura do dia em que estão em público.” (Kearl, 2015, s.p.). Esta culpabilização da vítima é mais uma das faces já bastante populares do sexismo.

Em contextos estrangeiros, é também notória a preocupação e luta contra a normalização desta violência de género.

Em Espanha, foi desenvolvido pela *L’Oreal Paris* em colaboração com a ONG *Hollaback!* e a Fundação *Mujeres en España* um programa de formação e conscientização contra o assédio sexual que apresenta ferramentas que poderão ajudar em experiências ou testemunha de assédio sexual quotidiano.

Já na Argentina, o Observatório “*Ni una Menos*” levou a cabo um estudo do qual se compreendeu que “93% das mulheres argentinas diz ter sido alvo de algum tipo de assédio sexual na rua, e 80% sente-se insegura no exterior por esse motivo” (Diário de Notícias, 2017). Além disso, não há muito tempo atrás, Mauricio Macri, governador de Buenos Aires, afirmou abertamente que “secretamente, todas as mulheres gostam de ser assediadas” (*The Economist*, 2015). Noutro estudo com mulheres argentinas, levado a cabo pela *Interamerican Open University*, 72% afirmaram ter sido assediadas recentemente e dois terços disse que estes tipos de avanços as deixavam a sentir-se “desconfortáveis ou pior”, lê-se em destaque no *The Economist* (2015). Em 2018, puderam ser vistos cartazes pelas ruas e transportes públicos, que se rebelavam contra este tipo de afirmações sexistas que acusam as mulheres de estereótipos como a histeria e loucura, visando proteger as mulheres do fenómeno do assédio sexual na rua, o “*acoso callejero*” (ver Anexo II). Passado um certo espanto, facilmente ecoam vozes portuguesas através das palavras de Macri, no caso dos homens, banalizando as próprias ações e categorizando-as como inofensivas, afirmando que não passava de uma brincadeira, por exemplo. Esta desculpabilização parece ser um efeito da referida banalização social de que é objeto o assédio sexual quotidiano.

A abordagem gráfica acima referida foi também utilizada por um grupo de mulheres brasileiras designers e ativistas, tendo um caso específico de assédio num autocarro brasileiro despoletado um movimento social de empoderamento e conscientização contra o assédio, popularizado como *#meucorponãoeépúblico* e que se expressou através de cartazes (ver Anexo III). Numa tese de mestrado recente, Santos (2019) focou questões de género presentes nas festas universitárias, reunindo notícias sobre comportamentos de assédio nestes contextos e

concluindo que a postura do sistema judiciário brasileiro é “ineficiente diante dos casos denunciados”.

Em Portugal, surgiram iniciativas práticas como o “Ponto Lilás”, local de apoio e segurança criado para as mulheres e jovens que possam encontrar-se em situações de violência na Queima das Fitas do Porto. Foi desenvolvido pela Associação Plano i, Kosmicare e União de Mulheres Alternativa e Resposta, inspirado no modelo espanhol de redução de riscos, o que reforça a ideia de que a partilha de programas e projetos ativistas - neste caso – é, em si, uma forma de ativismo muito benéfica. Adicionalmente, os programas “Art’themis” e “Art’themis+”, programas de prevenção primária de violência de género e promoção de Direitos Humanos e igualdade de género, têm sido desenvolvidos na última década, também pela União de Mulheres Alternativa e Resposta, e intervindo de forma distribuída por quatro regiões do país – Braga, Porto, Coimbra e Madeira – contando também com uma versão adaptada ao digital (online).

Assentando nesta conceptualização e contextualização dos temas descritos, o presente estudo pretendeu explorar a visão do assédio sexual quotidiano para as mulheres portuguesas, procurando contribuir para uma construção mais específica deste conceito.

## 2. Metodologia

### 2.1. Participantes

Para este estudo, contou-se com a adesão de um conjunto de dez mulheres de nacionalidade portuguesa, com idades entre os 22 e os 54 anos e residentes em vários concelhos do país (ver Quadro 1). Os critérios pedidos para a participação foram a maioridade, nacionalidade portuguesa e a autoidentificação como mulher.

Quadro 1: Dados Sociodemográficos das Participantes

<b>Código de Participante<sup>3</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Área de Residência</b>
P1	23	Vila Nova de Gaia
P2	25	Seixal
P3	24	Bragança
P4	33	Coimbra
P5	27	Porto
P6	22	Ovar
P7	36	Lisboa
P8	54	Seixal
P9	27	Vila Real
P10	23	Viseu

Fonte: Dados recolhidos

### 2.2. Objetivos

Os objetivos essenciais para este projeto foram a contribuição para a investigação científica na área da psicologia de género e da sexualidade, nomeadamente buscando a construção de uma definição geral do conceito de assédio sexual quotidiano a partir de testemunhos de uma amostra de mulheres portuguesas e tentando compreender um pouco mais sobre os processos comportamentais envolvidos na vivência urbana das mulheres na sociedade portuguesa. Entendendo, certamente, que as interpretações desta definição pudessem ser muito variadas, pela influência da experiência pessoal e social de cada uma, entende-se esta experiência como

<sup>3</sup> Número das participantes por ordem cronológica das entrevistas

uma fomentação do discurso acerca da violência de género, projetando a voz de mulheres que são assediadas diariamente, no espaço público e comum.

### 2.3. Procedimento de recolha de dados

Após esta pesquisa e a elaboração do guião para as entrevistas, recebeu-se o parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (ver Anexo I), podendo passar para a fase de divulgação e recolha de dados.

Cientes do conteúdo íntimo e sensível que procurávamos investigar e para evitar uma abordagem invasiva, este estudo foi divulgado através das redes sociais como o *LinkedIn* e *Facebook*, em formato de cartaz (ver Anexo IV) com informação acessível e clara, mas não totalmente reveladora. Através do cartaz, as participantes interessadas em contribuir com as suas visões e experiências, tiveram acesso a um *link* de *Doodle* com um calendário e puderam selecionar o momento da sua entrevista. Para o caso de surgimento de dúvidas ou outras questões, disponibilizou-se um endereço de *e-mail* exclusivo para o estudo, constante no cartaz. Ao receber o agendamento, enviou-se um *e-mail* com o *link* para a respetiva reunião no *Zoom*.

Desta forma, foi possível realizar um conjunto de entrevistas individuais semiestruturadas com espaço para a reflexão num ambiente digital, que se tornava progressivamente mais confortável ao longo da entrevista, algo que terá permitido uma maior sinceridade e abertura das participantes. As entrevistas seguiram um guião semiestruturado (ver Anexo VII) elaborado com base na literatura existente. No início da entrevista, a prioridade principal passava por garantir o esclarecimento das questões de confidencialidade e anonimato das respostas e do material gravado, pedindo a assinatura do consentimento informado recorrendo a um formulário Google (ver Anexo V), cujo link era enviado através da conversa (“bate-papo”) da aplicação de videochamada utilizada e preenchido pela participante naquele momento, após a sua leitura.

Avançava-se então com a entrevista e eram mostrados cenários ou vinhetas com situações fictícias (ver Anexo VI), ilustrando cinco tipos de assédio<sup>4</sup>. Estes cenários foram

---

<sup>4</sup> Ao longo deste texto, é dado enfoque ao assédio contra as mulheres, não minimizando o assédio que acontece contra outras pessoas.

desenhados a partir da revisão da literatura feita sobre o assédio na rua e espaços públicos e organizam-se da seguinte forma:

- 1) Cenário de um olhar fixado (o *male gaze* ou *girl-watching*)
- 2) Cenário de um assobio
- 3) Cenário de uma expressão/piropo
- 4) Cenário de uma frase sugestiva/convite sexual
- 5) Cenário de um toque indesejado

Por forma a não tornar esta exposição extensa e aborrecida, cada participante teve acesso a apenas dois dos cinco cenários por nós desenvolvidos. Antes de cada entrevista, estes eram selecionados de forma completamente aleatória, utilizando-se sempre o mesmo site ([www.random.org](http://www.random.org)) e introduzindo o número mínimo (1) e máximo (5). O número de respostas para cada cenário acabou por ser equilibrado, resultando na seguinte distribuição: para o cenário 1, houve três respostas; para o cenário 2, houve cinco respostas; para o cenário 3, também cinco respostas; para cenário 4, receberam-se três respostas; e no quinto cenário, também três respostas. A aleatorização estabelecia o modo como a primeira questão era colocada, sendo as demais questões comuns a todas as participantes e verificou-se quase sempre uma exploração espontânea pelas participantes de situações e experiências pessoais semelhantes que coincidiam, na maioria das vezes, com os restantes cenários não apresentados.

As questões feitas debruçavam-se, essencialmente, sobre cinco aspetos - a vivência e as emoções sentidas no momento e após o episódio de assédio, a mudança de comportamentos que o medo provoca, reações e abertura à denúncia perante este tipo de situações, a caracterização concreta ou definição subjetiva do assédio e as perceções das pessoas da rede da participante, isto é, a perceção da participante acerca das perspetivas de quem a rodeia, acerca do assédio. Cada entrevista incluiu também um pedido à participante para pensar numa ou várias ideias de resposta a este fenómeno e teve uma duração aproximada de quarenta minutos. No final das entrevistas, foi pedida a idade e a zona de residência das participantes, perguntado se tinham interesse em receber os dados no final da investigação e foi feito um *debriefing* sobre as questões levantadas ao longo da entrevista<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Este *debriefing* pode ser lido na parte VII do guião das entrevistas semiestruturadas, que se encontra em anexo. O objetivo da sua criação era assegurar que as participantes sentiam uma validação da sua experiência e

## 2.4. Método de análise de dados

Como método de análise de dados optou-se por seguir a Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006). Esta organiza-se ao longo de seis etapas principais não rígidas que se sucedem e suportam.

Este método pareceu ser o mais adequado face ao cariz qualitativo da investigação, mas também por ser um método que permite nomear, analisar criticamente e organizar padrões (temas) dos dados, descrevendo-os detalhadamente (Braun & Clarke, 2006).

A primeira fase da análise incluiu a familiarização com os dados, fase central na qual se elaborou a transcrição integral e leitura repetida das entrevistas realizadas, de forma imersiva. Esta fase envolveu uma pesquisa de significados e padrões, fulcral para a delimitação das ideias principais, e contando com a organização visual e colorida dos dados. Passou-se à segunda fase, da produção dos códigos iniciais, consistindo numa etiquetagem das ideias, segmentos ou elementos dos dados mais relevantes, curiosos e significativos, para o fenómeno em estudo (Braun & Clarke, 2006). Na terceira fase, procedeu-se à pesquisa de temas, fase em que se analisaram os códigos para formar os temas, e estabeleceram, após várias reconstruções, as relações entre códigos e temas e diferentes níveis entre os temas e subtemas. A revisão dos temas foi a quarta fase, na qual se tiveram em conta as associações entre códigos e temas, tal como a importância e sustentabilidade de cada tema identificado. Também nesta etapa, procedeu-se à construção do mapa temático deste estudo, estudando qual o mais claro e com mais sentido. A penúltima fase consistiu na definição e nomeação dos temas, gerando-se os significados e explicitando o que se pretendia explorar em cada tema, atribuindo nomes diretos e autoexplicativos. O sexto e último momento desta análise, a produção do relatório, reporta-se à escrita clara do material analisado.

Apresenta-se de seguida a análise temática dos dados.

---

perspetivas, saindo da entrevista sem acreditar que existiam respostas certas ou erradas. Servia, também e de forma muito significativa, o propósito de clarificar as questões associadas à culpa que surgiram no texto, tal como ressaltar que, não sendo da responsabilidade da mulher, falámos de estratégias securizantes por existir uma tendência para as desenvolver, interessando-nos essa exploração do sentimento de segurança na rua. Finalmente, explicou-se que a experiência busca apenas uma reflexão pessoal e seria natural e válido que a pessoa pudesse não se ter debruçado sobre aqueles pontos até ali.

### 3. Análise e Discussão de Resultados

Observaram-se as narrativas das experiências de assédio sexual quotidiano de um conjunto de mulheres e os seguintes quatro temas são alguns dos mais explorados ou mais frequentes durante a recolha de dados, emergindo da familiaridade com os mesmos e da sua análise temática.

Os temas referidos e aprofundados adiante são:

- 1) o medo provocado pela consistência e frequência das situações de assédio sexual quotidiano e outros sentimentos e emoções que este fenómeno faz emergir;
- 2) o caso geral do assédio perpetrado em grupo e o caso específico do grupo de trabalhadores da construção civil;
- 3) o conforto e desconforto com as medidas de proteção em situações de assédio e reunião de um conjunto de reações e formas de lidar com os mesmos. Aqui, foi também incluída uma reflexão acerca do fenómeno de testemunhas oculares silenciosas do assédio, *bystanders*. Finalmente,
- 4) as estratégias utilizadas para enfrentar o assédio e as propostas de mudança social pensadas pelas participantes como soluções para este problema.

Resolvemos organizar o mapa da presente análise temática nesta forma circular dividida em quatro partes e com um centro comum, o organizador central, que interage com todos os temas. O formato circular deve-se à proximidade dos temas encontrados e à sua interação cíclica com o assédio sexual, sem uma ordem estabelecida. Passa-se agora ao aprofundamento de cada um destes temas.



Figura 1. Mapa temático

### 3.1. Organizador Central: Ser mulher

Após a análise temática, compreendemos de forma praticamente automática que o organizador central seriam as vivências de ser mulher. Este organizador engloba a estruturalidade das vivências quotidianas das mulheres e o seu impacto ou influência nas suas vidas. Este estudo foi lido à luz do conhecimento sobre a experiência de ser mulher numa sociedade Ocidental, mais concretamente, em Portugal. Isto implica que, independentemente das suas perspetivas em relação ao assédio sexual quotidiano, todas as mulheres foram ouvidas por saber, à partida, como melhor classificar a sua própria existência enquanto mulher, mais especificamente, sobre a vivência e implicações de ser mulher na rua e nos espaços públicos ou comuns portugueses.

Ser mulher envolve, hoje e desde há vários séculos, gerir os papéis de género socialmente enraizados e a experiência da feminilidade tradicional e moderna, que se entrelaçam ao nível social, através de linhas muito ténues. Isto é, atualmente, as mulheres tendem a ser olhadas sob um misto dos papéis de género tradicionais e os mais contemporâneos. Por exemplo, a mulher poderá ser percecionada como desviante das normas sociais se não quiser assumir o papel de mãe, ou se trabalhar mais e ganhar mais dinheiro do que o seu companheiro homem, numa relação heterossexual e normativa.

Como mencionámos inicialmente, o patriarcado funciona como uma forma de organização social responsável por produzir e manter o sexismo (Gelderloos, 2011) e este último está presente em todas as experiências sociais de uma mulher, quer de forma mais flagrante quer mais subtil. “*No momento em que falei, senti que deixei de ser um objeto*” (P2).

Colocamos, então, em evidência as perspetivas dessas mulheres acerca da frequência dos espaços públicos perante as formas subtis (enquanto comportamentos socialmente aceites e normalizados) e, contudo, flagrantes (pela violência e carácter público de alguns exemplos de assédio) do machismo. As assimetrias de poder que facilmente se encontram ao colocar o pé fora da porta exprimem hierarquia e distâncias sociais (Rêgo, 2018).

Procurou-se, assim, entender a tendência das dinâmicas de poder entre agressor e vítima, no assédio sexual quotidiano. Ou seja, contrariamente ao assédio laboral ou académico, que poderá ser perpetrado por um colega ou um superior, no qual estão em causa relações de poder hierárquico diferentes, bem como as preocupações financeiras e associadas à carreira como disse Nogueira, em entrevista ao Público (Nogueira, cit. in Duarte, 2017). Acrescentou a esta entrevista que se fala de “dinâmicas sociais de género e de poder complexas que perpassam todas as classes sociais, profissões, corpos e idade.” (Nogueira, cit. in Duarte, 2017). O assédio de rua pode ser perpetrado por qualquer homem, sem existir um “agressor-tipo” ou relações de poder em causa. Todas as participantes se referiram a episódios de assédio perpetrados por desconhecidos, à exceção de uma pessoa que falou de assédio na rua por um conhecido “de vista” (P6), fugindo um pouco às definições gerais e à literatura. A ausência de um perfil de idade ou classe dos agressores leva-nos a reforçar a ideia de que a base comportamental do assédio será estrutural, seja, por exemplo, de um piropo, um convite ou proposta sexual, e concretiza a objetificação e perceção de posse ou poder sobre as mulheres, por parte dos homens, no geral, revelando uma forma ténue, mas violenta e muito comum e frequente, segundo a maioria das participantes, de misoginia.

A perceção dos homens relativamente a questões como a frequência ou a culpa no assédio parece ser muito diferente da das mulheres, no geral. Nas entrevistas, as mulheres separavam, automaticamente, as perceções das opiniões dos amigos e das amigas quanto ao assédio (na questão 15 do guião, Anexo VII). Este dado pode ir ao encontro do *gap* significativo entre géneros que sugerem Benson & Thomson (1982) quanto à perceção da “frequência e tipo de assédio que realmente acontece no local de trabalho”, tal como da perceção da “dificuldade

que as mulheres teriam ao lidar com avanços sexuais não consentidos”. Embora remetam ao contexto laboral, estes dados podem indicar que o mesmo viés aconteça no assédio sexual quotidiano.

Vale ressaltar que esta é uma perspectiva estereotipada dos padrões presentes nas relações entre homens e mulheres e que assenta numa visão binária da sociedade, não refletindo a realidade e o todo, mas sim situações mais comuns.

### **3.2. Temas de Análise**

#### **3.2.1. Medo**

*“Olha agora lembrei-me de uma situação de há 6 anos, durante o dia, estava a vir a pé para casa e passou um carro por mim, perguntou se eu queria boleia e aí foi uma situação em que eu fiquei com medo que escalasse.” (P2)*

O medo surgiu neste trabalho como um denominador comum à maioria das vivências de assédio. Ao contrário do que poderíamos ser levadas a pensar antes de nos debruçar sobre este assunto, o medo parece não surgir apenas ao cair da noite. Percebemos que este sentimento pode estar presente nas diferentes formas de assédio e independentemente da hora do dia, do espaço público ou do espaço comum em que ocorre, seja numa discoteca ou numa rua movimentada. As mulheres podem estar a meio das tarefas mais triviais e mesmo aí, há espaço para lembrar a vulnerabilidade que as atravessa.

*“Saí na pausa do trabalho, numa rua do centro onde passa muita gente, para ir ao multibanco e (...) o gajo estava a entrar no carro e fica especado a olhar para mim enquanto eu passo, não tirou os olhos de mim, não entrou no carro, ficou à porta a olhar só” (P5).*

Além disso, as atitudes que as mulheres relatam apresentar face ao medo, não são necessariamente efeito de situações traumáticas que experienciaram. Estas estratégias de “prevenção” (P5) - numa utilização pouco precisa desta denominação, porque o assédio na rua

não acontece por culpa da vítima e não pode ser objetivamente prevenido - surgem quase que inconscientemente para o tentar evitar e serão desenvolvidas mais à frente.

*“Mesmo nunca me tendo sentido ameaçada, vou sempre dar a volta por um caminho mais longo com mais luz” (P2).*

A vulnerabilidade parece estar diretamente ligada a este controlo que a pessoa, neste caso uma mulher, tem ou não sobre um contexto ou situação, especialmente na rua. Ou seja, o facto de uma situação poder escalar para algo mais grave e fugir do controlo da pessoa, criando vulnerabilidade e medo nas mulheres é uma das formas que assume a violência de género estrutural. Além disso, o medo do assédio parece ser uma constante porque, como Kearl (2010, p.32) expõe, “os violadores não usam sinais”, ou seja, não é possível distinguir quem vai assediar ou violar de quem não tem essa intenção. Este fator coloca as mulheres numa posição de hipervigilância, tendo de assumir que “qualquer homem pode representar uma potencial ameaça” da qual poderão precisar de defender-se. Este medo de estar na rua parece, ainda, assentar numa cultura de concepções misóginas de objetificação da mulher, uma vez que os homens não sofrem, de um modo geral, ao dirigir-se a uma desconhecida desta forma.

A teoria feminista sobre a vitimização sexual aponta para que virtualmente todas as mulheres adultas vivam “a um determinado nível de consciência com o medo e ameaça da agressão sexual” (Burt & Estep, 1981, p. 512). Este medo “serve para controlar o seu comportamento, quer mantendo-as passivas, dependentes e restringidas, quer culpando-as e punindo-as se se tornarem vítimas ao violar expectativas estereotipadas de género” (Burt & Estep, 1981, p. 512).

Este tema é suportado por um conjunto de subtemas que visibilizam outras sensações que se associam ao medo e que ocorrem durante as situações de assédio. Apesar de não serem tão constantes, estas são indissociáveis da experiência das mulheres. São estas: o *desconforto*, o *nojo e repulsa* e a *invasão*.

### *Desconforto*

Relatado pela grande maioria das participantes, o desconforto foi usado, inclusivamente, para caracterizar os cenários apresentados, no momento da entrevista em que é pedida uma reflexão sobre os mesmos, bem como para definir o assédio sexual quotidiano no geral, de uma

perspetiva pessoal. O facto de existir um número elevado de relatos das participantes com recurso ao uso deste termo na caracterização fez com que esta dimensão emergisse rapidamente, no processo de análise. O que mais tarde se compreendeu foi que esta dimensão específica é pouco abordada na literatura, pelo menos através da palavra desconforto. Este dado poderá ser inovador, mas parece representar uma expressão do medo e das sensações que se exploram de seguida, o que é consistente com a restante investigação que explora as emoções e reações ao assédio. O medo poderá provocar desconforto, mas este último não tende a conduzir à emoção básica do medo.

*“[sobre o assobio] Desconfortável é logo a primeira sensação...Não acho particularmente perigoso, mas deixar-me-ia assim numa situação menos confortável, aceleraria o passo e querería sair.” (P1)*

*“[sobre o assobio] É uma situação que causa sempre incómodo e que deixa a pessoa...como é que eu hei de dizer, olhe, estraga o dia de sol e estraga o regresso a casa com aquela leveza com que a pessoa vai, porque causa um enorme desconforto.” (P8)*

### *Nojo e repulsa*

O nojo engloba-se nas emoções evocadas pelo assédio, sentidas essencialmente no momento que se segue ao episódio de assédio sexual quotidiano. Várias participantes usaram estas duas palavras para descrever os cenários fictícios expostos inicialmente, acontecendo com vários cenários.

Num estudo com 25 mulheres atletas que explorou a sua reação pessoal ao assédio no desporto, as atletas reagiram com “nojo, medo, irritação e raiva quando os incidentes de assédio sexual aconteceram” (Fasting, Brackenridge & Walseth, 2007, p. 419). Noutro estudo de identificação de emoções associadas ao assédio que ocorria num sistema ou aplicação de boleias, possíveis de identificar nas mensagens de áudio enviadas pelas clientes, através dessa aplicação, Sakhuja & Cohen (2020, p. 464) afirmam que “este tipo de comportamento evoca sentimentos de medo, raiva e/ou nojo, o que se reflete na resposta individual” ao assédio.

*“Há muitos sentimentos, mas sensações remete-me para o físico, diria asco e nojo.” (P4)*

*“Ficava com medo antes de ele dizer alguma coisa, depois ficava com nojo.” (P5).*

### *Invasão*

A terceira dimensão/sensação comum detetada nesta amostra é a invasão. Isto é consistente com a literatura existente, que admite a falta de consentimento como uma invasão e, portanto, torna o assédio sexual automaticamente invasivo. Além disso, este dado é consistente com outros estudos sobre o assédio sexual em concreto, sendo uma dimensão comum a várias definições: “o que diferencia o assédio de outras condutas de aproximação de índole afetiva é a ausência de reciprocidade, sendo ato que causa constrangimento à vítima, que se sente invadida” (Magalhães, 2011, p. 104), e “discute-se que o assédio sexual é essencialmente uma forma de comunicação invasiva que viola os direitos de privacidade da vítima” (Wall, 1991, p. 371), exemplificando. Entre as mulheres e jovens inquiridas por Uggen e Blackstone (2004, p. 73), “quase um terço reportou toques indesejados e invasão do espaço pessoal”, desde o ensino secundário até à vida adulta, na qual as mulheres experienciam também mais comentários e piadas ofensivas do que os homens.

*“Eu digo que são ambas [sobre o piropo e o toque] uma invasão do que é o meu espaço pessoal (...). De uma maneira mais invasiva o apalpão, mas em comum têm esta invasão ao que é a nossa bolha de segurança.” (P4)*

*“É uma invasão ao teu espaço e o teu espaço é definido por ti.” (P1)*

O medo - ladeado pelo desconforto, pelo nojo e repulsa e pela invasão - é central às caracterizações atribuídas ao assédio sexual quotidiano.

### 3.2.2. Efeito de Grupo

Um fator que contribui bastante para o medo que sentem as participantes é o efeito de grupo que parece existir no assédio sexual quotidiano. As situações em que há um assediador são relatadas como ansiogénicas, mas quando é perpetrado por um homem inserido num grupo de outros homens, este efeito parece agudizar as emoções negativas sentidas, provocando mais medo e ansiedade. Também é relatado um maior medo de que a situação escale para algo mais violento e assustador, de maneira mais rápida.

Assim, o segundo tema encontrado centra-se na “questão dos grupos” (P2), explorando a perceção, expressa pelas participantes, do agravamento do medo e da vulnerabilidade, quando os comportamentos de assédio são perpetrados por um homem inserido num grupo de homens ou mesmo por vários homens, simultaneamente. O fenómeno do assédio perpetrado num grupo ou por um grupo é explicado por Kears (2010, p. 134) como uma estratégia dos assediadores de impressionar os amigos homens e desenvolver o sentimento de pertença a esse grupo. Schwyzer (2007, p. 4) apresenta o conceito de homosociabilidade, sob a qual os homens criados na cultura Ocidental anseiam mais agradar a outros homens do que a mulheres, acabando por servir-se delas enquanto “peões para provar a sua masculinidade”. Exemplifica com piadas e comentários ou piropos cujo objeto são as mulheres e que funcionam como uma forma de exibição e aproximação ao grupo de amigos Schwyzer (2007). Kears (2010 p.134) faz referência aos documentários de combate ao assédio “*Zona de Guerra*”<sup>6</sup> e “*Ei...Pequena*”<sup>7</sup>, duas curtas metragens, nos quais os homens entrevistados assumem esta justificação para o seu comportamento de assédio sexual. Schwyzer ainda coloca em evidência a pressão dos pares para “ser masculino”, o que silencia os homens que queiram insurgir-se contra o assédio por ser negativamente associados ao género feminino, acabando por perpetuar estes comportamentos violentos.

Relativamente ao agravamento do medo sentido de forma consistente pelas mulheres perante estas situações de assédio em grupo, este parece estar estreitamente associado à perceção de perigo e vulnerabilidade, que impõe uma perda de controlo sobre a situação e uma posição fragilizante, quer pela minoria numérica da vítima para o agressor e pares ou conjunto

---

<sup>6</sup> “*War Zone*”, de Hadleigh-West (1998).

<sup>7</sup> “*Hey...Shorty*”, de Lewis, Solomon & Cyril (2007).

de agressores, quer por ser mais “intimidante” (P2), por envolver uma maior exposição e poder despoletar uma necessidade de fuga.

Uma das participantes, embora tenha mostrado sentimentos de desconforto e nojo face ao assédio que já experienciou, afirmou não se sentir afetada com estas situações:

*“Não sinto que me vista de maneira diferente, que me comporte de maneira diferente, nem que tenha mais medo por isso. Não sinto que sejam influentes 5 minutos depois.”*  
(P4).

Revelou, contudo, achar difícil a diferenciação entre os comportamentos e hábitos que altera por medo de ser

*“magoada ou assaltada do que propriamente por medo destes comentários inapropriados ou comportamentos de cariz sexual”* (P4).

A ideia do efeito agravante do grupo no assédio parece ir ao encontro do estereótipo concretizado dos trabalhadores não especializados da construção civil. Ou seja, não tendo sido reportado um perfil tipo de agressor, a maioria das participantes abordou, espontaneamente, o caso dos trabalhadores da construção civil, reportando-se a eles como um grupo de homens junto dos quais seria praticamente certo ser olhada, assobiada ou mesmo tocada *“Onde há obras, há assédio.”* (P5).

Já todas e todos vimos trabalhadores da construção civil a assobiar a mulheres na rua em filmes e séries de televisão, tantas vezes que nos poderá parecer normal associar essas duas variáveis. Ao longo das entrevistas, esta associação foi sendo concretizada, espontaneamente e consecutivamente, através de exemplos de experiências que as participantes viveram. Este fator levou a que a abordagem, ainda que leve, do estereótipo concretizado dos trabalhadores da construção civil como assediadores fosse quase obrigatória na presente discussão. Também neste caso, pareceu haver uma interferência do contexto específico, uma vez que este tema surge como mencionado por várias participantes, apesar de não ter ainda expressão idêntica na literatura portuguesa e ser pouco presente na literatura estrangeira.

*“Pá, foram dois trolhas, mesmo para completar o estereótipo, que se viraram e me disseram - opá nunca me esqueci- disseram “ai que flores tão bonitas, vou aí e roubo-vos” e foi um bocadinho assustador.” (P2)*

*“Mas, por exemplo, quando os homens estão nas obras eu prefiro não passar lá.” (P5)*

*“Mas sim, diria que esse tipo de espaços normais à luz do dia em que...Por exemplo, muitas vezes ao pé de obras que há aqueles comentários que até já fazem um bocadinho parte do que é a cultura laboral das pessoas que trabalham na construção civil.” (P9)*

### **3.2.3. Reações e Denúncias**

Neste terceiro tema, incidiu-se sobre as formas de encarar ou enfrentar uma situação de assédio sexual quotidiano e sobre as perceções e interpretações das participantes acerca das leis em vigor, bem como de fatores que poderão dificultar a responsabilização dos agressores. Recolheu-se uma diversidade de relatos de reações no momento do assédio, mas a mais frequente e comum, contada como a reação mais automática e confortável no momento do assédio é ignorar ou fingir que não se ouviu o piropo ou viu o olhar fixado, por exemplo.

Houve quem revelasse responder sempre aos seus agressores, ou fazer um gesto menos politicamente correto e houve quem afirmasse ser sempre preferível ignorar ou fingir que não se ouviu, no caso de um comentário. Uma participante mencionou que gostaria de poder sentir-se mais à vontade para fazer um pouco de psicoeducação com os agressores, explicando como se sentiu e o seu ponto de vista sobre aquele comportamento violento.

Pela forma como foram descritas as situações e os sentimentos que as envolveram, foi possível compreender que, de uma maneira geral, ignorar é a reação que parece mais confortável, durante o assédio, pela perceção de ser a alternativa mais segura, na medida em que parece reduzir a probabilidade de retaliação do agressor. No entanto, muitas mulheres mostraram não se sentir completamente livres com esta atitude ou reação, uma vez que entendem que poderá perpetuar o fenómeno do assédio. Prevalece a lógica de minimização do

perigo de retaliação, sendo que algumas pessoas comentaram que gostariam de ser um pouco mais assertivas e responder aos assediadores - sob circunstâncias em que sentissem apoio e segurança - por saber que produziria um qualquer efeito desafiador que poderia quebrar o comportamento.

As reações tenderam a ser relatadas mencionando uma variável que se considerou importante: as testemunhas *in loco*. Ou seja, as participantes falaram no facto de que a sua reação ao assédio poderia variar tendo em conta se havia mais ou menos pessoas na rua ou espaço em que ocorreu a situação. Por um lado, numa rua movimentada, poder-se-iam sentir mais protegidas e confortáveis para reagir com uma resposta ou gesto, por outro lado, mostraram ter sentido pouco apoio das pessoas à sua volta quando viram o que lhes aconteceu, preferindo não agir sobre isso, não interferir e até fingir que não viram.

*“E eu mantive-me firme e disse “Nunca mais faça isso, senão eu chamo a polícia!” e as pessoas assim à volta sem dizer nada, senti-me um bocado desamparada e sozinha, a pensar se fiz bem, se fiz mal.” (P9)*

Este fenómeno de testemunhas que ignoram a situação e não protegem quem vivencia o assédio, - seja a testemunha mulher ou não - é amplamente estudado pela União Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), no seu projeto Bystanders (2016-2019) em colaboração com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto<sup>8</sup>, um programa de prevenção do assédio sexual em contextos escolares e académicos, tendo por base a sensibilização para a intervenção destas testemunhas de violência que não se encontram diretamente envolvidas no episódio violento. Um dos objetivos deste programa é a quebra do silêncio que protege os agressores e perpetua a violência. Desta forma, o programa transforma as pessoas *bystanders* aliadas das vítimas.

Dependendo da perceção de perigo ou da solidão e desamparo previstos, as pessoas parecem tomar uma decisão algo fugaz quanto ao que fazer perante situações de assédio que acontecem diante dos seus olhos, ainda que apenas por instantes. Este programa é um exemplo de luta contra o assédio e poderia ser mais alargado e integrado a partir das próprias escolas portuguesas e/ou do ministério da educação.

---

<sup>8</sup> Mais em: <https://bystanders.fpce.up.pt>

Ao longo da investigação, frisou-se perante as participantes a noção de que todas as reações a uma situação de assédio são válidas e que não há respostas certas perante um piropo ou uma proposta indesejada de teor sexual. O contrário seria (apenas mais) uma forma de transmitir às mulheres que têm responsabilidade pelo assédio de que são vítimas.

Apesar de todas concordarem que, em algum momento, sentem medo e desconforto, nojo e repulsa, ou invasão, a maioria das mulheres entrevistadas não se sentiria confortável ao pôr em prática uma medida de proteção, como uma denúncia. Muitas pessoas disseram que o fariam, caso achassem a situação grave e justificável, ou caso pudesse ajudar outras possíveis vítimas, mas percecionam esta atitude como algo em “*que não vale a pena*” (P3; P9) investir. A justificação principal foi a ideia generalizada de que estas mulheres não serão levadas a sério junto das autoridades e que apenas terão de sofrer com a repetição da história, seja esta mais ou menos traumática para si. No entanto, quando sentem que, independentemente desta perceção de sofrimento, apresentariam uma denúncia contra o assediador, mostram preocupação sobre a dificuldade de praticar a lei da importunação sexual e que isso, na sua perspetiva, tende a levar à desistência das vítimas de violência sexual, no geral, e de assédio sexual, especificamente.

*“Deveria, sem dúvida, haver uma resposta por parte das autoridades, muito menos negligente, muito menos descuidada, porque vários casos que eu conheço que apresentaram queixa e, de uma maneira geral, numa fase inicial são desconsiderados praticamente e são relevados com ‘Ah não tem importância, se não lhe aconteceu nada não há necessidade de intervirmos’.” (P8).*

#### **3.2.4. Estratégias e Propostas de Mudança Social**

Por fim, no tema quatro, destaca-se o elencar das principais ideias de resposta ao fenómeno apresentadas pelas participantes, discute-se a quantidade de alternativas e a sua viabilidade na defesa das mulheres e outras pessoas assediadas. Surgiu um conjunto de respostas com estratégias mais ou menos comuns na literatura face ao regresso a casa, por exemplo.

Estas não são ideias de estratégias de defesa viáveis e confiáveis que surgiram de uma pesquisa, mas sim objetos de reflexão que se considerou poder ser útil para ilustrar os

sentimentos e emoções mencionados mais acima. Algumas das estratégias utilizadas pelas participantes são:

- a) caminhar ao telefone com alguém ou fingir uma chamada telefónica;
- b) usar uma aplicação de segurança que emita um alarme, por exemplo, ao premir dois botões em simultâneo;
- c) usar fones sem estar a ouvir música, ficando alerta;
- d) empenhar as chaves na mão, para usá-las como arma;
- e) adquirir gás pimenta ou semelhantes;
- f) não vestir saias nem vestidos curtos;
- g) nunca estar sozinha.

Estas são estratégias bastante difíceis de colocar em prática, algumas são altamente castradoras da liberdade das mulheres. Não obstante, muitas destas alíneas são ações ou atitudes presentes no dia a dia da maioria da amostra.

Algumas mulheres mencionaram a iluminação nas ruas e o aumento do policiamento como soluções para minimizar as situações de assédio sexual quotidiano, por exemplo, mas face à pergunta “Tem alguma ideia de resposta a este fenómeno?”, a esmagadora maioria das participantes enfatizou a importância da pedagogia e notou-se convicção no poder da educação das pessoas para a cidadania desde bastante cedo. Esta ênfase demonstra uma visão otimista do fenómeno e uma confiança no investimento nas escolas enquanto espaços de aprendizagem formal e informal sobre aspetos da cidadania. De facto, “o sistema educativo é um dos principais agentes de socialização secundária; a escola é uma instituição central na sociedade ocidental contemporânea, tendo o papel fundamental de educar e escolarizar as novas gerações.” (Oliveira, Villas-Boas & Las-Heras, 2016, p. 24).

Destacam-se algumas outras propostas de mudança social e investimento na segurança na rua mencionadas:

- a) Mais oferta de gabinetes de apoio especializado à vítima;
- b) Linhas de apoio noturno especializado à vítima de assédio;

- c) Criação ou melhor uso das disciplinas e projetos escolares existentes para a cidadania e formação cívica, mantendo-se ao longo de todo o percurso escolar obrigatório.

*“Não acredito que se eduque contra o assédio, acredito que se educa contra comportamentos socialmente incorretos, então se ensina uma criança que não pode invadir o espaço das pessoas, que tem que ter em conta os sentimentos das pessoas e que o que ela faz pode ter consequências, ela vai crescer como uma pessoa que absorve este tipo de ideias e, obviamente, contra comportamentos de assédio.” (P1)*

### 3.3. Considerações Gerais

A aposta na escola foi a solução mais apresentada pelas participantes para combater o assédio sexual, pelo que fará sentido, futuramente, buscar compreender o enquadramento atual, adequar as normas tradicionais utilizadas e lutar por uma escola efetivamente mais aberta e mais ativa contra problemáticas sociais e de género.

“Um dos objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, referente à Educação, promotor dos demais objetivos do desenvolvimento sustentável, consiste em “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (Direção Geral da Educação, s/data). É possível ler sobre uma escola mais inclusiva e cuidada, protetora dos direitos de todas as pessoas, mas assiste-se, simultaneamente, a um constante debate controverso sobre as disciplinas que visam pôr em prática objetivos como este e transformar a educação portuguesa num lugar mais completo e seguro. Ou seja, confrontando as leis vigentes e as práticas para as cumprir, é possível encontrar discrepância e incoerência.

Pensando em possíveis e novas linhas de ação futura para combater o assédio sexual quotidiano, em Portugal, num esforço para atenuar e mitigar os sentimentos e sensações vastamente abordados pelas participantes, surge a continuação da recolha de dados como estes, a recolha de mais vozes, de homens e pessoas não binárias, inclusivamente. Além disso, tomando o exemplo argentino, em Portugal poderia também beneficiar-se de campanhas semelhantes às anteriormente apresentadas de empoderamento flagrante na rua, bem como de programas educativos como o *Bystanders*. Poder-se-ia também estender o *Ponto Lilás* a um maior número de locais de diversão noturna, para potenciar a defesa das mulheres e contrariar o padrão de normalização do assédio nestes espaços, ou, ainda, este apoio ser transferido para as linhas de apoio telefónico, como foi sugerido nas entrevistas.

Outra medida voltada para a cultura poderia ser a aposta no financiamento de curtas metragens portuguesas que destaquem esta luta, como os documentários referidos, divulgando-as não só no espaço digital limitado às redes sociais, mas também em televisores de estações de metro, por exemplo.

Neste sentido, a voz que tem sido reclamada por um crescente número de mulheres para contar e revelar situações de assédio - mesmo que essencialmente em contexto de trabalho,

como foi referido inicialmente -, e a vontade de atribuir proporções realistas ao fenómeno, como se registou no movimento *Me Too*, parecem um mote algo distópico, mas importante para dar relevo à investigação e ao crescente conhecimento acerca do assédio sexual quotidiano.

Inicialmente, propôs-se extrair uma definição um pouco mais concreta do conceito de assédio sexual quotidiano. Os resultados obtidos foram uma confirmação da sua subjetividade, pela diversidade de formas que as participantes apresentaram para definir o assédio. Enquanto para uma pessoa, o critério central podia ser a sensação de invasão, de qualquer tipo, para outra, poderia ser o conjunto fechado de ações específicas. A multiplicidade de comportamentos que engloba a definição geral do assédio sexual quotidiano para as mulheres entrevistadas e os limites que estabeleceram para balizar uma definição, fizeram com que a definição concreta propriamente dita se mantivesse inalcançável na teoria e restrita a cada uma das mulheres ouvidas.

Precisamente por um dos focos e objetivos principais ser, desde o início, ouvir e amplificar as vozes das mulheres sobre este assunto, finaliza-se com as definições dadas por cada uma.

*“Assédio sexual para mim é tudo aquilo que entre na tua bolha, e a tua bolha não é só o teu corpo físico, é o teu espaço pessoal, sonoro, sensorial, a todos os níveis...” (P1)*

*“Começa quando interferes no espaço do outro e, na minha opinião, é mais sério quando a vítima já mostrou que está desconfortável com a situação. (...) É uma insistência com intenção sexual, mesmo que seja só verbal. (...) E há aquela dos carros a passar às vezes tipo wheeee.” (P2)*

*“Para mim o assédio sexual é qualquer atitude, palavra, pouco importa, comportamento que leva ao desconforto da outra pessoa ou que leva a um certo tipo de violação e algo que é completamente inapropriado que de alguma forma vai ferir ou magoar e que não é normal sentir.” (P3)*

*“É o conjunto de comportamentos que uma pessoa dirige a outra que têm usualmente cariz sexual, que podem ser verbais e que deixam o alvo desconfortável ou a sentir*

*incómodo ou repulsa. Isto é super lato, mas acho que é aqui que se encaixa.” (P4)*

*“É qualquer ato verbal ou físico realizado por alguém numa posição de privilégio que ponha desconfortável ou magoada fisicamente e mentalmente alguma pessoa numa situação de não privilégio. (...) E depois os olhares, não é só o verbal.” (P5)*

*“Eu acho que estas situações [convite sexual e toque] são assédio. E quem se sente à vontade para fazer este tipo de coisas, pode sentir-se à vontade para te tirar a liberdade...entendes?” (P6)*

*“É invasão, é invasão de privacidade...com perguntas ou com temas de conversa desconfortáveis. E é a evolução dessa invasão para um contacto físico não solicitado. Acho que é isso.” (P7)*

*“Para mim, o significado de assédio sexual ou como ele se manifesta é qualquer abordagem que seja feita à mulher - estou a falar do meu papel de mulher - de uma forma não desejada pela mulher e que tem a ver com o facto de ser o género feminino.” (P8)*

*“Acho que é um conjunto de atitudes e comportamentos, não é? Podem ser físicos, verbais, pode ser até o olhar. Não precisa necessariamente de verbalizar ou concretizar alguma coisa fisicamente, mas que invade o espaço da outra pessoa e tem implícita uma ameaça de teor sexual. Portanto, pode-se dizer um ‘ai o que eu te fazia’ como pode-se efetivamente ter ali um toque indesejado. Acho que é acima de tudo a invasão do outro sem o seu consentimento.” (P9)*

*“Assédio é a partir do momento em que tu te sentes perturbada com alguma coisa que te façam, eu não sei o conceito mesmo, mas a partir do momento que recibes um piropo e que isso te deixa desconfortável e te leva a querer mudar o que vestes... É o mandarem um piropo, ou assobiarem ou comentarem a tua roupa. A partir do*

*momento em que tu não possas fazer o que realmente  
queres.” (P10)*

No momento da escrita, a nossa perspetiva de assédio engloba todos os cenários mostrados às participantes, porque assédio significa ser assobiada, comentada, buzinaada, seguida, olhada fixamente, receber convites e toques sem consentimento.

Após compreender que esta definição, diretamente ligada a experiências vividas e expectativas, corresponde às definições de outras mulheres e vai, ainda, de encontro às de outras, tornou-se importante questionar a origem destas interpretações sociais e a maneira como as mulheres encaram e (con)vivem com o assédio.

Com o aprofundamento deste conceito, as entrevistas tornaram claro que a definição de assédio sexual quotidiano pode ser mais ou menos abrangente, na medida em que, por exemplo, o espaço pessoal é um conceito individual e intransmissível que influencia a definição do assédio, para algumas pessoas. Ou na medida em que o assédio não precisa de acontecer todos os dias para moldar hábitos e rotinas. Este conceito é uma fusão originada pelas partilhas das mulheres que também são assediadas, reforçando o carácter íntimo deste assunto.

Neste caso, foi evidente a importância de se assumir uma posição epistemológica consistente e reflexiva. Como construcionista sociais, não temos dúvidas que, para além da forma como quem investiga pode ter efeito nas participantes, também o contrário pode acontecer, ajudando a compreender fenómenos e a moldar percursos.

## Conclusão

O tema do assédio sexual quotidiano deve deixar de sofrer normalização social. Esta investigação surgiu para desenvolver discursos críticos e inclusivos, empoderadores para as mulheres, enquanto se buscava uma perceção mais clara do retrato do assédio sexual de rua, em Portugal. No âmbito da análise dos dados, compreende-se que a perspetiva e experiência das participantes sobre este assunto influenciou, de maneira geral, o modo como abordam o assédio sexual quotidiano, ainda que demonstrando sempre flexibilidade dentro da reflexão crítica sobre os objetos de estudo apresentados.

O processo de pesquisa e de recolha de perspetivas junto de mulheres desconhecidas acerca de experiências quotidianas bastante íntimas transformou o já manifesto interesse pelo tema em análise numa luta ainda mais próxima, constituindo uma fase enriquecedora e gratificante deste trabalho.

Findo esse processo, pode afirmar-se que, apesar de haver alguns discursos ambíguos ou mais conformados, os discursos sociais encontrados encaixam, de forma natural, nas exposições presentes na literatura e associam o conceito do assédio sexual quotidiano a práticas sociais negativas e violentas, das quais as pessoas deveriam e gostariam de ser mais protegidas. Acrescenta-se que é notório o grau de confiança, otimismo e de ativismo presentes nas participantes face ao futuro desta problemática, tendo elas encontrado soluções profundas e humanas para lidar com a mesma.

Existe ainda alguma investigação que conceda voz às vítimas de assédio, no caminho do desaparecimento deste problema social e espera-se, através do presente contributo académico, usar também a própria voz para chegar a essa realidade num futuro próximo. Pode refletir-se sobre o facto de que, se fossem cumpridas as disposições legais, talvez não houvesse tanta matéria para esta dissertação e o caminho de que se fala ser necessário pavimentar para chegar a um país com ruas e espaços públicos e comuns, bem como com ambientes de trabalho mais seguros, já estivesse um pouco mais finalizado.

No que diz respeito às limitações deste projeto, o mesmo assentou num contexto pandémico que poderá ter tido efeitos no procedimento e no discurso das participantes. Acredita-se na relevância do facto de as pessoas frequentarem menos as ruas e os espaços

públicos, em geral, durante o período de recolha dos dados. Isto poderá ter implicado menos assédio, por uma redução das oportunidades para o perpetrar ou vivenciar e também poderá ter distanciado ligeiramente as mulheres das suas memórias de assédio sexual, pela presença mais forte de uma ideia de ruas vazias e de pouca circulação noturna, por exemplo. Acrescenta-se que quase todos os casos reportados nas entrevistas faziam referência a episódios sucedidos na época pré-COVID-19.

*“Às vezes acontece, quer dizer, agora acontece menos porque andar de metro é...estou em teletrabalho neste momento” (P7).*

Pela forma voluntária e automática como as pessoas chegaram até ao projeto - pelo agendamento *online* da entrevista -, assumiu-se que as participantes revelassem já um interesse mínimo no tema da violência sexual, o que poderá, de certa forma, representar um viés científico, mas que estava inicialmente previsto. No entanto, o facto de as entrevistas serem realizadas online, para minimizar as interações sociais, permitiu o contacto com pessoas de qualquer parte do país e, ainda que não se procurasse qualquer representatividade, foi possível ouvir perspetivas e testemunhos de contextos urbanos distintos. Ou seja, conseguiu-se perceber um pouco sobre situações de assédio de uma perspetiva das ruas de Lisboa ou Porto e de cidades mais pequenas como Ovar ou Viseu, ainda que não se notassem diferenças explícitas.

Além disso, acredita-se que as entrevistas poderão ter sido, para o conjunto de pessoas que nele participou, um momento de empoderamento e um gatilho para a busca de mais informação sobre o tema do assédio sexual quotidiano, o que poderá representar outra potencialidade deste estudo.

Acredita-se que este trabalho tenha sido um ponto de partida para outras investigações, para estudos de maiores dimensões amostrais e implementação de práticas que minimizem os efeitos do assédio sexual para as mulheres.

## Referências Bibliográficas

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2021) *Estatísticas APAV Relatório Anual 2020*. Disponível em: [www.apav.pt/estatisticas](http://www.apav.pt/estatisticas)
- Benson, D. J., & Thomson, G. E. (1982). Sexual Harassment on a University Campus: The Confluence of Authority Relations, Sexual Interest and Gender Stratification. *Social Problems*, 29(3), 236–251. Doi: <https://doi.org/10.2307/800157>
- Berta, M., Ornelas, J. H., & Maria, S. G. (2007). Sobreviver ao medo da violação: Constrangimentos enfrentados pelas mulheres. *Análise Psicológica*, 25(1), 135-147.
- Burt, M. R., & Estep, R. E. (1981). Apprehension and fear: Learning a sense of sexual vulnerability. *Sex Roles*, 7(5), 511-522.
- Crouch, M. (2009). Sexual harassment in public places. *Social Philosophy Today*, 25, 137-148.
- Conley, C. A. (2014). Sexual violence in historical perspective. *The Oxford Handbook of Gender, Sex, and Crime*, 207-224.
- Day, K. (2001). Constructing masculinity and women's fear in public space in Irvine, California. *Gender, Place and Culture: A Journal of Feminist Geography*, 8(2), 109-127.
- D'Eaubonne, F. (1977). As mulheres antes do patriarcado. Trad. Manuel Campos e Alexandra Freitas. Lisboa: Editorial Veja.
- Diário de Notícias (2017). *93% das argentinas foi alvo de assédio sexual na rua*. [online] Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/estudo-revela-que-93-das-argentinas-foi-alvo-de-assedio-sexual-na-rua-8798363.html>
- Decreto de Lei no 54/2018 de 6 de julho. Diário da República: I Série, No 129 (2018). Acedido a 15 setembro 2021. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/54/2018/07/06/p/dre/pt/html>
- Fairchild, K., & Rudman, L.A. (2008). Everyday Stranger Harassment and Women's Objectification. *Soc Just Res* 21, 338–357. Doi: <https://doi.org/10.1007/s11211-008-0073-0>

- Fernandes, L., & Rêgo, X. (2011). Por onde anda o sentimento de insegurança? Problematizações sociais e científicas do medo à cidade. *Etnográfica*, 15(1), 167–181. Doi: <https://doi.org/10.4000/etnografica.869>
- Flores, S. (2021). *#WeStandUp en la Semana Internacional contra el Acoso Callejero: una llamada urgente a la acción*. [online] Disponível em: <[Observatorioviolencia.org](http://Observatorioviolencia.org)>
- Frye M. (1983). Some Reflections on Separatism and Power. In, M. Frye *The Politics of Reality: Essays in Feminist Theory* (p. 103). Freedom, CA: The Crossing Press.
- Gelderloos, P. (2011). *Como a não-violência protege o estado*. Deriva.
- Gordon, M. T., & Riger, S. (1991). *The female fear: The social cost of rape*. University of Illinois Press.
- Harassment, S. S. (2015). What is street harassment. [online] Disponível em: <<http://www.stopstreetharassment.org/about/what-isstreet-harassment.>>
- Hsu, H. P. (2010). How does fear of sexual harassment on transit affect women's use of transit?. *Women's Issues in Transportation*, 85.
- Humm, M. (1989). *The Dictionary of Feminist Theory 2bd. Hertfordshire: Prentice Hall*.
- Fasting, K., Brackenridge, C., & Walseth, K. (2007). Women athletes' personal responses to sexual harassment in sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 19(4), 419-433.
- Kearl, H. (2010). *Stop street harassment: Making public places safe and welcoming for women*. ABC-CLIO.
- Kearl, H. (2015). *Labour candidate Corbyn wants to tackle street harassment in the UK! | Stop Street Harassment*. [online] Stop Street Harassment. Available at: <<https://stopstreetharassment.org/2015/08/corbynsh/>> [Accessed 2021].
- Kellner, D. (2000). Habermas, the public sphere, and democracy: A critical intervention. *Perspectives on Habermas*, 1(1), 259-288.
- LayoutIt! (s/d.). *EEOC Approved Sexual Harassment Investigation Interview Questions*. [online] Kantola. Disponível em: <<https://www.kantola.com/EEOC-Approved-Sexual-Harassment-Investigation-Interview-Questions-CT-178.aspx>>

- Lazard, L. (2020). *Sexual Harassment, Psychology and Feminism: # MeToo, Victim Politics and Predators in Neoliberal Times*. Springer Nature.
- Magalhães, M. J. (2011). Assédio sexual: Um problema de direitos humanos das mulheres. *Temas de vitimologia: Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais*.
- Moss, Gabrielle. (2015). “Catcalling? 23 Women Reveal How They Reply To Street Harassment.” *Bustle*. n/p.
- Nóbrega, M. (2016). *Perspetivas de Assédio Sexual*. (Tese de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto.
- Oliveira, C. S., Boas, S. V., & Heras, S. L. (2016). Estereótipos de género e sexismo em docentes do ensino superior. *Revista iberoamericana de educación superior*, 7(19), 22-41.
- Rêgo, X. (2018). Festa na Praça: Drama, Dissidência e Diferença. *Revista Convergência Crítica - Dossiê: Histórias e Boemia*, 12, 30-54.
- Saffioti, H. I. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos pagu*, 115-136.
- Santos, J. (2019). *Insiste Que Ela Cede: Uma Análise Documental de Notícias Relacionadas à Violência de Género e Sexual Nas Festas Universitárias*. (Tese de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista. São Paulo.
- Sakhuja, S., & Cohen, R. (2020, May). RideSafe: Detecting Sexual Harassment in Rideshares. In *Canadian Conference on Artificial Intelligence* (pp. 464-469). Springer, Cham.
- Staffer, An Abc News. (2014). I Know Exactly How the Catcalled NYC Woman Feels. *ABC News Network*.
- Schwyzler, H. (2007). STARING AT JANAE’S LEGS. In *Men Speak Out* (pp. 94-97). Routledge.
- Szymanski, D. M., Moffitt, L. B., & Carr, E. R. (2011). Sexual objectification of women: Advances to theory and research 1ψ7. *The Counseling Psychologist*, 39(1), 6-38.

- The Economist (2015). *Criminalising Catcallers*. [online] Disponível em: <[www.economist.com/the-americas/2015/05/21/criminalising-the-catcallers](http://www.economist.com/the-americas/2015/05/21/criminalising-the-catcallers)>
- Torres, A., Costa, D., Sant'Ana, H., Coelho, B., & Sousa, I. (2016). Assédio sexual e moral no local de trabalho em Portugal. *Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, CIEG Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, ISCSP, Universidade de Lisboa*.
- Torres, A., Costa, D., Sant'Ana, H., Coelho, B., & Sousa, I. (2016). Assédio sexual e moral no local de trabalho em Portugal. *Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, CIEG Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, ISCSP, Universidade de Lisboa*.
- Uggen, C., & Blackstone, A. (2004). Sexual harassment as a gendered expression of power. *American Sociological Review*, 69(1), 64-92.
- Bystanders (s.d.). *Prevenção do assédio sexual em contexto escolar: Plano de atividades e guião para sessões*. [online] Disponível em: <<https://bystanders.fpce.up.pt/bystanders-programme/index.html>>
- Vale Pires, C. (2019, 29 de abril). *Ponto Lilás: a tua zona segura nesta Queima das Fitas*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/04/29/p3/cronica/ponto-lilas-zona-segura-queima-fitas-187086>
- Vidal, D. (2021). *As vítimas de assédio sexual que estão a fazer explodir o MeToo em Portugal*. NiT. Acedido 7 outubro 2021. Disponível em: <<https://www.nit.pt/cultura/televisao/vitimas-de-assedio-sexual-que-estao-fazer-explodir-o-metoo-em-portugal>>
- Wall, E. (1991). The definition of sexual harassment. *Public Affairs Quarterly*, 5(4), 371-385.
- Jensen, I. W., & Gutek, B. A. (1982). Attributions and assignment of responsibility in sexual harassment. *Journal of social Issues*, 38(4), 121-136.

## **ANEXOS**

## Anexo I. Parecer da Comissão de Ética



### COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref.ª 2021/03-17)

A Comissão de Ética (CE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo examinado os documentos relativos ao projeto “**Perspetivas de Assédio Sexual Quotidiano Contra as Mulheres em Portugal**” apresentado pela estudante **Joana Bigotte** e com orientação da **Doutora Sara Isabel Magalhães**, emite um **parecer favorável** à realização da pesquisa.

#### Parecer favorável

A CE é favorável à realização do projeto tal como apresentado.

FPCEUP, 12 de março de 2021A

Presidente,

Prof.ª. Doutora Carlinda Leite

**Anexo II. Cartaz contra o assédio sexual nas ruas, no metro de Buenos Aires.**



Anexo III. Cartazes ativistas contra o assédio nos transportes públicos e nas ruas do Brasil, associados ao movimento #meucorponãoé público.



## Anexo IV. Cartaz de divulgação do estudo.



The poster features a dark purple background with a light purple horizontal band at the bottom. On the left, there is a black silhouette of a street lamp with a glowing yellow light. On the right, there is a stylized illustration of a woman with dark skin, wearing a white top and a yellow skirt, carrying a black shoulder bag and holding a yellow string. The text is in white and light purple.

**U. PORTO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

# Investigação

TESE DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

Estamos a desenvolver um estudo, no âmbito de uma tese de mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, acerca de EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL QUOTIDIANA. Procuramos participantes mulheres com mais de 18 anos, de nacionalidade portuguesa, de qualquer região do país!

Caso tenha interesse em participar, propomos uma breve entrevista, via Zoom.

**Agende a participação conforme a sua disponibilidade:**  
Através do link Doodle fornecido.

**Poderá enviar as suas dúvidas para o seguinte email:**  
[investiga.psic21@gmail.com](mailto:investiga.psic21@gmail.com)

**MULHERES +18  
PORTUGUESAS  
TODO O PAÍS**

## Anexo V. Consentimento informado

### Consentimento Informado

O presente estudo surge no âmbito da minha dissertação de mestrado, na área de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Conta com a orientação da Dra. Sara Isabel Magalhães (Investigadora do Centro de Psicologia da Universidade do Porto). Os nossos objetivos principais são explorar questões acerca da violência de género para entender a sua configuração atual em Portugal.

Assim, propomos-lhe participar numa entrevista semiestruturada online, via Zoom. A sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão implique qualquer prejuízo para si. As suas respostas serão anónimas e confidenciais.

Ao participar neste trabalho, está a colaborar de forma importante e única para o desenvolvimento da investigação em Psicologia, especificamente na área da Diversidade, Sexualidade e Estudos de Género.

Se desejar receber informações sobre os resultados deste estudo, poderá deixar um contacto de email.

**\*Obrigatório**

Compreendi o âmbito desta investigação, entendo que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, nem a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo. Concordo com os termos que me foram explicados e aceito participar nele, através de uma entrevista semiestruturada com gravação de voz também confidencial e que será eliminada logo após a sua transcrição anonimizada. \*

Sim

Não

Assinatura \*

A sua resposta \_\_\_\_\_

**Submeter**

Nunca envie palavras-passe através dos Google Forms.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Utilização](#) - [Política de privacidade](#)

Google Formulários

## Anexo VI. Cenários apresentados

### A

Está um dia solarengo de Outono e a participante sai de casa, em direção a um parque, para conviver com um conjunto de amigos/amigas que já não vê há algum tempo. A caminho do metro, vai-se aproximando de si, na direção contrária, um homem, que a olha fixamente, percorrendo-a com o olhar desde a cabeça aos pés, voltando depois a olhar para a frente enquanto prossegue o seu caminho.

Fig. 7 - Cenário 1

### B

Está um dia solarengo de Outono e a participante acabou o seu dia de trabalho. Está a dirigir-se a casa, um pouco cansada, mas com uma sensação de leveza. Na rua do costume, que atravessa sempre neste trajeto, passa por dois homens parados a conversar, que notam a sua passagem. No instante em que se cruza com eles, um dos homens solta um assobio. Ouve-os a soltar uma leve risada e a voltar ao tópico da sua conversa, à medida que se afasta.

Fig. 8 - Cenário 2

## C

Está uma bonita noite de Verão e decide ir jantar fora com companhia. A participante e, imaginemos, a sua amiga combinaram encontrar-se na paragem do autocarro e seguir juntas para o restaurante. Estão a conversar enquanto esperam o autocarro e entretanto, na paragem, está também um homem à espera de outro autocarro, que se aproxima. Este senhor levanta-se para entrar no veículo e lança um comentário na sua direção “Que boas, meu deus...” e segue a sua viagem.

Fig. 9 - Cenário 3

## D

Um dia, a participante estava sentada a aproveitar o pôr do sol no jardim do Morro. Ao seu lado estão várias pessoas e vários grupos, mas a participante está sozinha e sente-se segura e calma. Um dos grupos levanta-se para ir embora e, ao passar por si, um jovem adulto olha-a nos olhos enquanto anda e dirige-lhe a frase: “Ai, o que eu te fazia...”

Fig. 10 - Cenário 4

**E**

Numa tarde, a participante chega a casa e apercebe-se que não tem comida suficiente na despensa, então, veste o casaco, agarra o saco das compras e vai ao supermercado que fica a uns 200 metros de sua casa. Enquanto está focada na escolha dos legumes que vai levar, sente um apalpão. Vira-se para ver quem a tocou e depara-se com um homem que não conhece a afastar-se calmamente de si para outro corredor do supermercado.

Fig. 11 - Cenário 5

## Anexo VII. Guião das Entrevistas Semiestruturadas

### Guião Entrevista Semiestruturada

Este guião pretende orientar as entrevistas realizadas a um conjunto de pessoas autoidentificadas como mulheres e interessadas em conversar acerca das suas perceções do assédio sexual quotidiano, com vista a construir uma definição deste fenómeno que seja representativa das mulheres portuguesas.

#### PARTE I – CENÁRIOS

1. *Pedia-lhe que lesse alguns exemplos de situações fictícias No final de cada um, gostaria que comentasse. É utilizada alguma linguagem em calão para aproximar à realidade.*

1.1. Cenário 1 (olhar fixado) - Está um dia solarengo de Outono e a participante sai de casa, em direção a um parque, para conviver com um conjunto de amigos/amigas que já não vê há algum tempo. A caminho do metro, vai-se aproximando de si, na direção contrária, um homem, que a olha fixamente, percorrendo-a com o olhar desde a cabeça aos pés, voltando depois a olhar para a frente enquanto prossegue o seu caminho. **Se tivesse de refletir acerca deste tipo de cenário/situação, como a caracterizaria?**

1.2. Cenário 2 (assobio) - Está um dia solarengo de Outono e a participante acabou o seu dia de trabalho. Está a dirigir-se a casa, um pouco cansada, mas com uma sensação de leveza. Na rua do costume, que atravessa sempre neste trajeto, passa por dois homens parados a conversar, que notam a sua passagem. No instante em que se cruza com eles, um dos homens solta um assobio. Ouve-os a soltar uma leve risada e a voltar ao tópico da sua conversa, à medida que se afasta. **Se tivesse de refletir acerca deste tipo de cenário/situação, como a caracterizaria?**

1.3. Cenário 3 (“piropo”) - Está uma bonita noite de Verão e decide ir jantar fora com companhia. A participante e, imaginemos, a sua amiga combinaram encontrar-se na paragem do autocarro e seguir juntas para o restaurante. Estão a conversar enquanto esperam o autocarro e entretanto, na paragem, está também um homem à espera de outro autocarro, que se aproxima. Este senhor levanta-se para entrar no veículo e lança um comentário na sua direção “Que boas, meu deus...” e segue a sua viagem. **Se tivesse de refletir acerca deste tipo de cenário/situação, como a caracterizaria?**

1.4. Cenário 4 (frase sugestiva/convite sexual) - Um dia, a participante estava sentada a aproveitar o pôr do sol no jardim do Morro. Ao seu lado estão várias pessoas e vários grupos, mas a participante está sozinha e sente-se segura e calma. Um dos grupos levanta-se para ir embora e, ao passar por si, um jovem adulto olha-a nos olhos enquanto anda e dirige-lhe a frase: “Ai, o que eu te fazia...”. **Se tivesse de refletir acerca deste tipo de cenário/situação, como a caracterizaria?**

1.5. Cenário 5 (toque indesejado) - Numa tarde, a participante chega a casa e apercebe-se que não tem comida suficiente na despensa, então, veste o casaco, agarra o saco das compras e vai ao supermercado que fica a uns 200 metros de sua casa. Enquanto está focada na escolha dos legumes que vai levar, sente um apalpão. Vira-se para ver quem a tocou e depara-se com um homem que não conhece a afastar-se calmamente de si para outro corredor do supermercado. **Se tivesse de refletir acerca deste tipo de cenário/situação, como a caracterizaria?**

## **PARTE II – VIVÊNCIA E EMOÇÕES**

*Sinta-se à vontade para, a qualquer momento, não responder às questões, caso a deixem desconfortável ou simplesmente não queira responder.*

2. Gostava de perceber se estas situações, ou outras semelhantes já foram experienciadas ou testemunhadas por si. E se sim, pode contar-me como foi, como se sentiu, como reagiu...?

2.1. Costuma acontecer com frequência ou foi uma experiência única?

*Agora vamos passar um pouco mais para a sua esfera pessoal neste tipo de situação, pode ser?*

3. Se a pessoa responder que sim à anterior, pergunta-se:
  - 3.1. Quer dizer-me em que espaço/s aconteceu o(s) episódio(s)?
  - 3.2. E quer contar-me se conhecia a pessoa que lhe dirigiu esta ação?[3]
  - 3.3. Considera que há pontos em comum entre as diferentes experiências?
  - 3.4. Sente que há a possibilidade de reagir de formas diferentes a estas situações, em contextos diferentes?

Caso a pessoa responder que nunca lhe aconteceu, ou preferir não falar sobre a sua experiência pessoal, salta-se para a pergunta 18?

*Aqui, vamos voltar a refletir um pouco sobre aquelas situações/cenários iniciais.*

4. [Mencionou que já vivenciou episódios deste tipo 1-5, na rua (ou outro espaço público ou comum.)
  1. Quando vivenciou um olhar fixado dirigido a si, como no primeiro cenário, como se sentiu durante esse(s) episódio(s)?
  2. Quando vivenciou um assobio dirigido a si, como no segundo cenário, como se sentiu durante esse(s) episódio(s)?
  3. Quando vivenciou um “piropo”/expressão verbal solta dirigido a si, como no terceiro cenário, como se sentiu durante esse(s) episódio(s)?
  4. Quando vivenciou uma frase sugestiva ou convite sexual indesejado dirigido a si, como no quarto cenário, como se sentiu durante esse(s) episódio(s)?
  5. Quando vivenciou um toque por si indesejado e desavisado, como no quinto cenário, como se sentiu durante esse(s) episódio(s)?
5. Como se sentiu no momento a seguir a esse episódio?
6. Sente que esta experiência a afetou? Se sim, de que forma(s)?

7. Que sensações considera que representem, de forma adequada, o que sentiu com esta situação? Pode nomear algumas sensações e fornecer alguns adjetivos.

### **PARTE III – MUDANÇA DE COMPORTAMENTOS**

8. Alguma vez deu por si a alterar um hábito ou caminho seu para evitar ser assediada? Se sim, qual ou quais?

9. Costuma adotar alguma estratégia de proteção ou de tentativa de prevenção de assédio? Consegue lembrar-se de alguma/s?

### **PARTE IV – REAÇÃO E DENÚNCIA**

10. Já alguma vez tomou alguma atitude contra situações deste género que lhe aconteceram a si? E em situações que testemunhou (ou de que teve conhecimento)?

10.1. Teve receio de que a situação escalasse para uma mais violenta?

11. Face a esta experiência(s), como gostaria que tivesse sido resolvida a situação?

12. Quando viveu essa experiência(s), contou ou sentiu necessidade de contar a alguém o que tinha acontecido?

13. Em que medida se sentiria confortável para acionar uma medida de proteção, como uma denúncia, contra este tipo de situações?

*Agora gostava de colocar uma questão mais aberta acerca da sua perceção.*

### **PARTE V – CARACTERIZAÇÃO CONCRETA/DEFINIÇÃO SUBJETIVA**

14. Gostava que tentasse dar-me uma definição do que é, para si, assédio sexual (na rua e/ou outros espaços públicos ou comuns).

## **PARTE VI – PERCEÇÕES AMBIENTAIS**

15. Como acha que o seu grupo de amigos/as percebe o assédio sexual?
16. Como acha que as/os suas/seus familiares mais próximos percebem o assédio sexual?
17. Acha que as situações de assédio são recorrentes em Portugal?
18. Sendo que o assédio sexual é maioritariamente praticado por homens contra mulheres, acha que as mulheres são culpadas nestas situações? E os homens?

**Questão Final - 19.** Tem alguma ideia de resposta a este fenómeno? Ou seja, caso perceba o assédio sexual na rua como negativo, tente referir algo que poderia mudar estas situações, quer seja algo mais estrutural ou direto.

## **DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

20. Indique a sua idade.
21. Indique o concelho da sua residência.

## **PARTE VII - DEBRIEFING**

Ao longo deste questionário, fui falando acerca de algumas das formas que assume a violência de género e sexual contra as mulheres. Falámos também sobre alguns possíveis contextos e reações que este tipo de violência pode desencadear e gostava de terminar este momento de reflexão ao transmitir a ideia que cada experiência é sempre única e todas as reações são válidas. Portanto, embora tenhamos falado de “culpa”, estamos apenas a explorar as visões e percepções de cada pessoa e não pretendemos, de todo, insinuar que a culpa é da mulher. Efetivamente, o assédio sexual é um tipo de violência que parece ser muito frequente em Portugal e que parece afetar a maioria das mulheres que o vivenciam, mesmo que seja apenas uma vez.

Quando pedimos as estratégias e hábitos mudados, fazemo-lo porque, não sendo da responsabilidade da mulher, existe uma tendência para desenvolver estratégias securizantes, talvez por consequência de um sentimento de insegurança na rua, possivelmente.

Além disto, sabemos que há vários tipos de assédio, no entanto, aqui, foca-se o assédio inesperado e desafiante noutros níveis, por ser perpetrado por desconhecidos e a qualquer momento.

Também pode acontecer, e é legítimo, que nunca se tenha debruçado muito sobre este tema até aqui. Esta experiência busca apenas uma reflexão sobre a definição de cada pessoa sobre o que pode ser considerado assédio sexual no quotidiano.

Tendo tudo isto em conta, gostaria de agradecer-lhe por ter participado neste estudo, ainda por cima sendo um assunto que poderá ser difícil de comunicar. Agradeço também a sua disponibilidade, confiança e a sua contribuição para esta área de investigação.

Finalmente, se desejar saber os resultados deste estudo, como já referimos, poderá deixar o seu e-mail para serem enviados mais tarde.